NOVELLAE OLIVARUM

ANO XIII NÚMERO 130 DEZEMBRO 1955

PAZ OU GUERRA? — Avelino Rodrigues 305

ISAÍAS — MENSAGEIRO DA PAZ — António Leitão 313

A PAZ DO MUNDO PELA PAZ DE CRISTO — (GIORGIO LA PIRA — Avelino Manuel 318

OS NOSSOS POBRES — A. Guerra 323

NON IN SUBLIMITATE SERMONIS - Narino e Silva 326

CRÓNICA — Albino Cleto 334

Novidade Literária

LIÇÕES DE ABISMO

Romance de

Gustavo Corção

Premiado pelo Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura, como o melhor romance de 1951.

«Creio, sem temor de exagerar, de ter lido o maior livro de ficção que já se escreveu no Brasil». *(Menotti del Picchia)*

«Uma sensibilidade muito fina que o coloca próximo de certos escritores católicos, como Pascal, solicitados ao mesmo tempo e com igual força pela razão e pelo sentimento». *(Sérgio Milliet)*

«Um livro que focaliza um problema comum ao homem de todas as latitudes, de todas as cores, de todas as situações sociais: o problema da contingência humana; o problema da morte.....» *(R. Ozanam de Andrade, em Magnificat)*

SET

Sociedade Editorial «O Trabalhador»

Rua António Maria Cardoso, 68 - 2.º

Um livro da Selecção SET **Esc. 25$00**

NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI — OLIVAIS

COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Director — FERNANDO DA PIEDADE MELRO
Redactores — ANTÓNIO AUGUSTO SARAIVA LEITÃO
— JOSÉ GONÇALVES MENDES
Proprietário e Editor — NICOLAU DIAS BAPTISTA
Administrador — ANTÓNIO TEIXEIRA DE SOUSA

Composto e impresso na Sociedade Editora Ala Esquerda, L.ª — BEJA — Telef. 268

Sassetti & C.ª

Editores de Música

Têm o maior gosto em pôr à disposição de V. Ex.a os seus serviços, através das suas secções de:

MÚSICAS de todas as edições
DISCOS das melhores marcas
PIANOS e ORGÃOS novos e em 2.ª mão
T. S. F. Ponto - Azul, Siemens, Schaub, Siera, etc., etc.

54, Rua do Carmo, 58 **LISBOA** **Telef. 21657**

Tudo quanto o espírito português produziu de melhor nos domínios

do PENSAR, do IMAGINAR e do SORRIR

Apresenta a *Colecção* de

"Clássicos Sá da Costa"

Edições dos melhores autores portugueses e alguns estrangeiros, organizadas, anotadas e prefaciadas pelos melhores especialistas contemporâneos.

Estão publicadas obras de:
Sá de Miranda, Francisco de Melo, João de Barros, Tomaz A. Gonzaga, Descartes, Diogo de Couto, Fr. Luís de Sousa, Homero, Fr. António das Chagas, M.me de Sévigné, António Ferreira, Heitor Pinto, Rodrigues Lobo, Marquesa de Alorna, Felinto Elísio, La Bruyère, Afonso de Albuquerque, Cavaleiro de Oliveira, Gil Vicente, Bocage, Amador Arrais, Cunha Brochado, Paiva de Andrade, Diogo Bernardes, Luís de Camões, Bernardim Ribeiro, P.e António Vieira, Luís A. Verney, Almeida Garrett, Dante, Francisco de Holanda.

Peça o plano da Colecção

Editora
LIVRARIA SÁ DA COSTA ——— *100, RUA GARRETT — LISBOA*

Executa-se todo o receituário médico



HORÓPTICA L.DA

R. S. JUSTA, 27 — TELEF. 21465

OURIVESARIA

ALIANÇA

Verdadeiro atelier de arte, conhecido no País e estrangeiro

As mais especializadas oficinas para a esmerada confecção de todos os objectos do culto católico

◆

Rua dos Flores, 191 a 211 — PORTO

Rua Garrett (Chiado), 50 — LISBOA

Sociedade Editora

ALA ESQUERDA

Composição e impressão de Jornais Livros e Revistas

Trabalhos tipográficos em todos os géneros

Telef. 268 - BEJA - Apartado 25

(Oficinas Gráficas da Diocese)

SOCIEDADE INDUSTRIAL METALÚRGICA

S. A. R. L.

SERRALHARIAS

Rua de S. Tiago, 13 — LISBOA

CEM ANOS!

VELAS DE CARDIGOS

J. d'Oliveira Tavares, Filhos

Telef. 5 B. Baixa - **CARDIGOS**

PRIMEIROS FABRICANTES DAS VELAS DE CARDIGOS CUJAS FÁBRICAS FORAM FUNDADAS EM 1850!

CASA ANTIQUÍSSIMA PREFERIDA PELO EX.mo CLERO DO CONTINENTE, ILHAS E PROVÍNCIAS ULTRAMARINAS

PREMIADA EM 7 EXPOSIÇÕES — 4 ESTRANGEIRAS E 3 NACIONAIS

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, L.DA

A casa mais antiga do País no seu género

(FUNDADA EM 1832)

RUA DA VITÓRIA, 82 a 88 — **RUA DO OURO, 166 a 170**

Lustres — Lanternas — Placas - Castiçais - Lâmpadas - Suspensões

Banheiras - Caldeiras — Esquentadores — Fogões de cozinha

INSTALAÇÕES

SANITÁRIAS — CASAS DE BANHO — PÁRA-RAIOS

AQUECIMENTO CENTRAL — ASCENSORES — VENTILAÇÃO

ELÉCTRICAS — CONTRA INCÊNDIOS — TELEFONES

——— TODOS OS TRABALHOS EM LATÃO E FERRO FORJADO ———

Tecidos pretos R.M.

PR. DOS RESTAURADORES, 13 - LISBOA

Lanifícios pretos, meias de algodão, lã e Nylon

Concedem-se facilidades de pagamento sem aumento de preço

1874 — 1955

81 ANOS AO SERVIÇO DO PÚBLICO

Agência Magno

FUNERAIS — TRASLADAÇÕES
EMBALSAMAMENTOS — TRANSPORTES
ARTIGOS FÚNEBRES — DECORAÇÕES

Sede: Rua Santa Marta, 52-A, 56-A
Telefones: P.P.C.A. 43189, 43180 e 55301

ÚNICAS SUCURSAIS

Calç. Marquês de Abrantes, 113 a 117
Telef. 662772
Rua Frederico Arouca, 62 — Telef. 22
CASCAIS

Não confundir esta quase secular casa com outra há pouco criada com nome semelhante

Defenda a sua vista

Usando Lentes e Armações de 1.ª qualidade

Casa especializada na execução de receitas médicas



Óculos + Estojos
Lupas + Binóculos
Termómetros
Barómetros + etc.

OPTICAL, L.DA

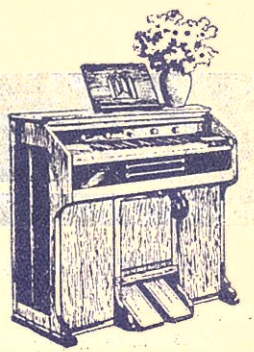
Rua Eugénio dos Santos, 30 -2.º LISBOA — Telef. 367762

Concedemos os maiores descontos

Harmoniuns-Orgãos

Abel — Estey — Kasriel
A. W. B. — Lindhölm

e de outras famosas marcas



Vendas a pronto ou com facilidades

Modelos portáteis próprios para Colégios
Seminários, Capelas, etc., etc.

Valentim de Carvalho, L.da

95, Rua Nova do Almada, 99 LISBOA

PAZ OU GUERRA?

É justo que Deus reine sobre tudo. Como é justo que outros a meu lado existam: Negar estes direitos é quebrar a ordem do mundo. Por isso mesmo «a paz é obra de justiça». Enquanto Deus não reinar no coração humano, «o homem será um lobo para o outro homem» — é inútil falar-se de paz.

Na verdade que é a guerra senão a explosão do egoísmo, da avareza, da injustiça de negar ao outro qualquer direito e a si qualquer dever? É a vitória da mentira do *direito* à força sobre a força do direito, o aviltamento das energias humanas. «Há hoje entre a mentira e a guerra conexão indissolúvel». (1) A esta subversão de valores juntem-se os enormes prejuízos de ordem material, as desvastações sem conta, os morticínios, os sacrifícios de bens materiais.

Todos os homens deviam, pois, levantar o grito: «guerra à guerra!» Mas ninguém pode estar em paz com os outros se não estiver em paz consigo mesmo; e ninguém pode estar em paz consigo mesmo se não estiver em paz com Deus. Para o binómio guerra-paz se orientam todos os nossos actos. E o Santo Padre, aparição terrena do «Príncipe da Paz», compreendendo que a paz é uma conquista espiritual de cada um, aponta como condição indispensável para ela uma vitória sobre o homem velho:

> 1.º — vitória sobre o ódio; 2.º — sobre a desconfiança; 3.º — sobre o princípio segundo o qual o utilitarismo é a base e a regra de todos os direitos e a força cria o direito; 4.º — vitória sobre os desníveis económicos; 5.º — vitória sobre o espírito de egoísmo. (Pio XII — R. M. Natal de 1940)

Na Mensagem natalícia de 1941 o Santo Padre é mais concreto. Dirigindo-se a todos os pacifistas, diz-lhes:

> «Quem quiser que a estrela da paz se erga e depouse sobre a sociedade» deve observar o seguinte:
>
> 1.º) — Respeitar a dignidade e os direitos da pessoa humana.
> 2.º) — Defender a unidade social e, em particular, a família.

---

(1) *Gabriel Marcel* — «Os Homens contra o Homem», pág. 136

3.º) — Promover a dignidade e sãs prerrogativas do trabalho.
4.º) — Promover a reconstituição da ordem jurídica que assegure estes direitos.
5.º) — Criar uma mentalidade que favoreça a formação dos Estados segundo a concepção cristã, como única conforme à natureza humana. (Pio XII — R. M. Natal de 1942)

É com base nestes direitos da pessoa humana e como garantia última deles, que o Santo Padre enuncia os cinco grandes axiomas da política internacional:

1.º) — Direito à vida e independência de todas as nações, grandes e pequenas, poderosas e fracas.
2.º) — Limitação sincera, orgânica e progressiva dos armamentos na ordem prática e na ordem espiritual.
3.º) — Nivelamento económico e ajuda aos povos menos desenvolvidos
4.º) — Estabelecimento de instituições jurídicas que garantam a leal e fiel aplicação das convenções e mesmo as revejam e corrijam quando for necessário.
5.º) — Liberdade à Religião e à Igreja. (Pio XII — R. M. Natal de 1939 e 1941).

Os homens, porém, não ouviram a voz do Papa e teimam em construir o mundo à margem de Deus. Examinemos ao de leve o que tem sido esse esforço humano, desde que acabou a última guerra. Veremos que o maior absurdo da História é o esforço presente para construir o mundo sem Deus.

Apagado o incêndio mundial, formaram-se dois grandes polos, em torno dos quais gravitam as nações: o bloco oriental e o ocidental. Num, respeita-se ainda o direito individual, a inicativa privada, a liberdade particular; no outro, há a coesão forçada, a negação dos direitos da pessoa; nem ao menos há liberdade de consciência. São duas concepções de vida. Acabada a guerra com a Alemanha, começa nova guerra entre aqueles que se tinham unido contra o inimigo comum. É um guerra de nervos, uma guerra fria que só não passa a guerra quente porque os ocidentais têm mantido sempre a calma. As democracias ocidentais permitem a liberdade de consciência e não oprimem as minorias étnicas. Não se afastando nisto da linha de justiça, correm todavia o risco do suicídio. É que os comunistas, querendo a revolução internacional, empenham-se em solapar todos os governos para se apossarem do poder abusando assim, descaradamente, da liberdade que reina no Ocidente. Os comunistas têm sido fiéis ao grito de Lenin: «Levantemos o estandarte

da guerra civil!». (1) Ainda no XIX Congresso do Partido Comunista, Malenkov, então a voz forte do Partido, lembrou aos *camaradas* de todo o Mundo que a meta é a conquista do poder onde ainda o não conquistaram. O P. C. U. S. não deve deixar de ajudá-los nesta obra. Há a ameaça mais descarada, a propaganda mais torpe contra o Ocidente capitalista que — segundo os comunistas — é uma oficina de guerra. A propaganda organizada é uma das piores técnicas de aviltamente nas mãos dos sovietes, e o medo que a Rússia inspira, com a injustiça social do Ocidente constituem as suas melhores armas. Apesar de toda a propaganda contrária, a Rússia quer a guerra se for precisa para apressar a implantação do novo paraíso terreal. Lenine e Estaline declaram-no abertamente: «Nós não somos pacifistas. Nós somos inimigos das guerras imperialistas... Mas sempre declarámos absurdo que o proletariado revolucionário repudiasse as guerras revolucionárias que podem revelar-se necessárias no interesse do socialismo». (2) E Estaline afirma: «Nós não somos contra todas as guerras. Nós somos contra a guerra imperialista... Mas somos por uma guerra libertadora, anti-imperialista, revolucionária, mesmo que uma tal guera, longe de ignorar *as horríveis efusões de sangue,* as conheça mesmo em abundância». *Estaline, Carta a Máximo Gorki; 17 de Janeiro de 1930).*

Com a morte de Estaline, os políticos russos aprenderam a ser educados. Em dois discursos de Malenkov, a 9 e a 15 de Março de 1953, afirmava-se a possibilidade de colaboração e coexistência pacífica entre os dois blocos. Esta nova concepção veio coagular-se no chamado *espírito de Genebra,* onde pela primeira vez os delegados russos aprenderam a sorrir. O Mundo ficou fascinado com o sorriso da esfinge e a nova perspectiva de paz fria, conseguiu iludir, até, o bom-senso inglês. Mas os que pensam que a Rússia de 1955 já se esqueceu de Lenine e Estaline devem ler estas palavras de Krustchev:

> «Diz-se que os delegados soviéticos sorriem. Este sorriso é sincero, não artificial. Queremos viver em paz, tranquilamente; mas se alguém pensa que os nossos sorrisos significam o abandono de Marx, Engels e Lenine, engana-se redondamente. Quem espere isto, deverá esperar

---

(1) *Lenine* — «Carta de despedida aos operários suíços» — (26 - Março - 1918).
(2) *Estaline* — «Carta a Máximo Gorki» — (17 - Janeiro - 1930).

que um *caranguejo aprenda a assobiar*. Nós somos pela coexistência, mas também pelo advento do comunismo; somos pela coexistência enquanto existem dois sistemas: capitalismo e comunismo... Não é necessária a guerra para obter o triunfo do socialismo. Basta «a emulação pacífica».».

Portanto, contiuamos na guerra fria. A Rússia afirma que continuará na emulação, embora em coexistência pacífica. Eisenhower desmascarou a pombinha russa da paz quando em Genebra declarou cara a cara a Bulganine que a «coexistência pacífica se tornou muito árdua pela actividade subversiva do comunismo internacional, pela negação aos povos do direito de decidirem da sua própria sorte... e pela persistência da cortina de ferro».

Este ambiente de guerra fria suscita a psicose da guerra preventiva e provoca a corrida ao armamento de um e de ourto lado. Há gigantescos laboratórios que investigam os meios mais eficazes de destruição. Os sacrifícios financeiros são enormes. A França gasta 1.500 milhões de francos para a manutenção anual do seu seu equipamento militar; e os E. U. A. 16.000 milhões. O equipamento duma divisão moderna não custa menos de 100.000 milhões de francos. E que dizer das armas A B C (atómicas, biológicas e químicas)? Em razão do seu poder destruidor, esta guerra não é legítima em si — diz o Santo Padre:

«Em princípio nem se pode pôr a questão de legitimidade da guerra ABC senão no caso de ela ser julgada necessária para a defesa... Todavia, quando a aplicação deste meio (de defesa) provoca uma extensão do mal que escapa inteiramente ao domínio do homem, a sua utilização deve ser rejeitada como imoral... Trata-se aqui da destruição pura e simples de toda a vida humana, dentro do raio de acção. E isto a nenhum título é permitido».

Quanto ao armamento em geral, o Santo Padre aconselha as seguintes medidas:

«Para ter a humanidade ao abrigo dum tal flagelo (uma nova guerra), é necessário que se proceda séria e honestamente à limitação progressiva e adequada dos armamentos... limitação ampla e proporcionada no fabrico e posse de armas ofensivas. Depois, na medida em que o desarmamento for realizado, é preciso estabelecer meios apropriados, convenientes a todos e eficazes para darem à regra «pacta sunt servanda» a função vital e moral que lhe convém nas relações jurídicas entre os Estados.

Para que renasça a confiança recíproca, é preciso que se criem instituições que... garantam a sincera execução dos tratados e promovam, segundo os princípios do direito e da justiça, oportunas correcções ou revisões». (Pio XII — R. M. Natal de 1941)

No caso especial da guerra ABC o Santo Padre aconselha:

> «Por nossa parte não Nos cansaremos de Nos aplicarmos, a fim de que, por meio de acordos internacionais — salvaguardando sempre o princípio da legítima defesa — *(cf. todavia Acta Apostolicae Sedis — 1953, pág. 748)* — possa ser eficazmente proscrita e banida a guerra ABC». Pio XII — R. M. Páscoa de 1954)

As grandes nações compreenderam finalmente esta necessidade. O relatório da Conferência de Genebra (18 a 23 de Julho) diz assim:

> «Os 4 Chefes do Governo, desejosos de afastar toda a ameaça de guerra e de aliviar os onus militares; convencidos da necessidade, para assegurar a paz e melhorar o bem-estar dos povos, de estabelecer uma organização encarregada de superintender sobre todos os armamentos e de os reduzir em condições que ofereçam garantias eficazes; reconhecendo que toda a realização neste campo permitiria libertar vastas receitas materiais para as dedicar ao desenvolvimento económido e pacífico das nações, e também ao melhoramento do seu bem-estar e à assistência das regiões menos desenvolvidas... etc. ... »

Comparem-se estas afirmações ás que anteriormente foram pronunciadas por Pio XII.

Os grandes põem a assistência às regiões menos desenvolvidas na dependência do desarmamento. Lembremos a 3.ª condição para a paz internacional apontada pelo Sumo Pontífice e que acima enunciámos. O Santo Padre, convencido de que «a paz é obra de justiça» *(opus iustitiae pax)*, considera o nivelamento económico das nações e indivíduos condição necessária para dissipar os ódios e malquerenças — focos de novos conflitos. O próprio comunismo propõe-se fazer este nivelamento económico, mas quer fazê-lo à força e pela negação de verdades eternas. Ora é precisamente o uso da força que se quer evitar. E, faltando ao edifício comunista as bases da moral, da justiça e da verdade, ele não poderá subsistir.

O Santo Padre já em 1944 enunciara as características duma sã organização para a paz:

> Deve ter força para intervir juridicamente contra o agressor, aplicando-lhe sanções económicas e militares que tornem a guerra inaceitável terapêutica para solucionar os males internacionais.

Com uma condição:

> «... que não consagre definitivamente nenhuma injustiça; que não lese nenhum direito em detrimento de povo algum (seja ele do grupo dos vencedores, dos vencidos ou dos neutros); que não perpetue nenhuma imposição ou carga além das únicas que são temporàriamente permitidas como reparação das desgraças da guerra... Não obstante, (os povos culpados da guerra) deverão ter a esperança bem fundada — na medida da sua lealdade e da sua cooperação efectiva nos esforços para a restauração futura — de poderem vir a ser, tal como os outros Estados, com a mesma consideração e os mesmos direitos, associados à grande família das nações». (Pio XII — Alocução ao Congresso de Direito Penal, 1953)

Podemos perguntar se têm conseguido isto as instituições ou a instituição para tal fim estabelecidas entre os vencedores da última guerra. A negativa é bem evidente. Aliás, os 4 grandes implìcitamente reconheceram já que a ONU não basta. No relatório já referido da Conferência de Genebra diz-se:

> «Os ministros estão encarregados de examinar a conclusão de um pacto de segurança compreendendo uma cláusula pela qual os países membros aceitarão a obrigação de não recorrer à força e de recusar qualquer assistência ao agressor».

Continuamos a bater em ferro frio. Não basta que os signatários cruzem os braços a presenciar a agressão; é preciso que eles se comprometam a intervir contra o agressor. Mas para quê fazer tratados com os comunistas, se eles os violarão quando lhes convier? Se os fins justificam os meios, tudo é permitido aos comunistas para a implatação do comunismo internacional. Portanto, mãos à mentira, à dissimulação. É triste mas não admira a frase de Truman, de há uns cinco anos: «os tratados com a Rússia não o valem o papel em que são escritos». Então, na questão do desarmamento, chegam a ser irritantes. É conhecido o plano de Eisenhower para a foto-inspecção aérea recíproca dos EUA e da URSS. A proposta colheu os russos de surpresa. No entanto, Bulganini, em carta ao presidente americano, não só aceita como amplia os termos da proposta de Eisenhower. Aos homens do Kremlin, admirados com esta nova cartada, Bulganini teria explicado: «É tal a vastidão da Rússia e dos Estados Unidos que é possível esconder seja o que for a qualquer observador». Afirmação que, a ser verdadeira, é bem significativa. Por isso, quando Lodge, delegado americano na Sub-Comissão de Desarmamento da ONU, explicou o verdadeiro alcance da proposta do seu presidente, os russos perderam o entusiasmo, para virem a rejeitá-la ùltima-

mente na Conferência dos Ministros. E, assim, a corrida aos armamentos é não só uma triste necessidade, mas também um grave dever para os que não quiserem cair na boca do lobo. Mantém-se, pois, o dilema do Santo Padre:

> ...ou a coexistência no terror se transforma em convivência no temor de Deus, ou a corrida aos armamentos provocará uma crise económica no seio das nações e criará um ambiente psicológico que tornará a guerra (preventiva) inevitável. Não se aceita a hipótese do pacto de desarmamento, porque não há o pressuposto do temor de Deus. (Pio XII — R. M. Natal de 1954)

Importa sublinhar como escreve o Osservatore Romano de 24 de Fevereiro de 1951 que

> «de uma guerra, mesmo vitoriosa por parte dos anti-comunistas, a Santa Sé não espera nem a salvaguarda da Religião nem o triunfo do Catolicismo; mas, ao contrário, a confusão da fé religiosa, a negação da boa-nova cristã, o reforço dos espíritos e das forças anticatólicas.»

Vamos, então, cruzar os braços à espera que as bombas caiam sobre nós? Não! Se é certo que a estrutura actual do mundo permite e, por vezes, até aconselha o desalento, é precisamente do desespero humano que nasce a esperança cristã: a esperança de que o homem reconheça o seu fracasso e que a sua miséria o precipite em Deus.

Esta a esperança do Santo Padre e dos grandes pioneiros cristãos da paz. Qual porém, o fundamento de tal esperança? O Santo Padre di-lo claramente;

> «Em ambos os campos são aos milhões aqueles que conservam, em grau mais ou menos activo, o Sinal de Cristo: esses deverão ser chamados a colaborar numa renovada base de unidade da família humana. É bem verdade que, numa das partes, a voz dos homens que são resolutamente pela verdade, pelo amor, pelo espírito, é sufocada sob a pressão dos poderes públicos; e que, na outra, há muita timidez em proclamar alto os bons desejos. Mas é dever da política de unificação encorajar uns e fazer-se eco dos outros.»

Os cristãos dos dois lados têm de ser a ponte de ligação entre os dois blocos. Nazismo, liberalismo, comunismo, não são mais que tentativas de desvendar ao homem o seu destino. Ora todo ocristão sabe qual é esse destino, esse fim do homem na História. O fim de toda a História é «o mistério de todo o Israel salvo e de todos os gentios entrando no Reino» *(Rom. IX)*». Instaurare omnia in Christo» — eis o programa de todo oa apóstolo da paz.

«Ele é a nossa Paz porque derrubou o muro da inimizade que separava os judeus e os gentios, e fundiu estes povos num só, no Homem Novo, pela Sua Cruz». *(II Eph. XXI)*

No meio de todas as discórdias, o cristão será um Cristo mediador. Qualquer que seja a sua posição social, a dialéctica paulina lhe ensinará a maneira de conciliar os homens. Do liberalismo aproveite-se o respeito pela liberdade pessoal, o valor da inciativa privada, o gosto pela cultura; do comunismo, a cooperação no trabalho, a exigência duma justiça social, a amizade no seio do trabalho. Eis o que diria S. Paulo aos homens do séc. XX:

«No paganismo das massas comunistas como em todo o pagão idólatra, há também uma boa vontade que só espera, talvez, uma coisa para se abrir ao Deus desconhecido e se converter: que lhe apareça nos meus actos como nas minhas palavras uma incarnação autêntica do Verbo, em forma de escravo...» (1)

É na esperança de que esta ponte espiritual se fortaleça que o Papa lembra aos «cristãos dos países onde se goza ainda o dom divino da paz... que a verdade tem de ser vivida, comunicada, aplicada em todos os campos da vida... Não cumprirão o seu dever aqueles sacerdotes e leigos que fechassem voluntàriamente os olhos e a boca sobre as injustiças sociais de que são testemunhas».

E o Papa termina dizendo que não é verdadeiro apóstolo da paz quem não está pronto a sacrificar em justo grau o uso dos bens privados ao bem-estar comum.

Já que Cristo, no dizer de Hegel, é o *gonzo da História,* há-de ser n'Ele, segundo o ensinamento paulino, que a humanidade encontrará a união e a paz.

AVELINO RODRIGUES

---

(1) *Padre Fessard* — «Espoir Humaine et Esperance Chrétienne» — pág. 265

ISAÍAS

MENSAGEIRO DA PAZ

A Paz é um daqueles bens que, por nascerem intimamente da virtude, reflectem as perfeições de Deus pelo equilíbrio total de natureza e forças, de leis e sociedades.

Pode até pensar-se, quiçá com o assentimento da mais pura revelação divina, que a Paz é uma perfeição cósmica, enquanto restabelece o homem no homem e o homem no Universo.

Já, nas primeiras letras da Escritura Santa, vem sublinhada esta maravilhosa harmonia universal quando se aponta, na obra criadora, a poética gradação de seres e a sublimação de todos no HOMEM, íntegro, sereno e nobre como um símbolo de unidade.

O pecado, essa entidade nova que Adão introduziu no mundo, veio destronar a calma edénica e fazer da Paz — dom inestimável de Deus gratuito e pepétuo — um tesoiro difícil que a cada passo se perde e a cada passo se exige de novo, à custa do sangue mais rubro, para que o indivíduo se não torne aberração de si mesmo.

A Paz é antes de tudo, o fruto de ingente luta vivencial travada nos fundamentos substanciais do próprio ser e, só depois e por reflexo intrìnsecamente necessário, redundando em ciro comum. É, por assim dizer, a primeira obrigação do homem para consigo mesmo e insere-se na única órbita possível do intercâmbio de relações pessoais com Deus e com os outros homens.

Mas, até que ponto os actos de Religião e caridade fraterna são fonte de Paz? Há aqui uma espécie de quase círculo vicioso tecido pelo mistério vital com que a Providência sustém cada ser humano.

Os contratos mais solenes e as reuniões mais sentimentalmente graves a bem da estabilidade internacional são lindas bolas de sabão, quando falta esta base do indivíduo, como substância ou matéria-prima do maravilhoso e artístico monumento.

Sendo a Paz uma realidade tão profundamente enraizada na vida humana, quis Deus, por misericórdia inteiramente sua e eternamente santa revelar desde cedo o seu real sentido no devir da História.

E, porque o mesmo Deus age normalmente através das causas segundas, espera que estas determinem o momento azado e suscitem igualmente o instrumento apto a transmitir a Revelação.

No Antigo Testamento, os Profetas foram verdadeiros porta-vozes de Yaweh, a chamar o Povo ao recto caminho da Aliança.

Aí por 740, morria em Judá o Santo Rei Ozias. Nesse mesmo ano era Isaías chamado ao ministério profético. Dotado de brilhantes qualidades naturais, sentindo-se presente à majestade gloriosa de Deus, balbuciava:

> «Ai de mim, estou perdido, pois que, sendo homem de lábios impuros e habitando no meio dum povo de lábios impuros, vi com meus olhos o Rei, Yaweh Sabaot».
>
> — Is. VI — 4 e 5

Após violenta purificação espiritual, Isaías obedece ao apelo divino e vai dar-nos uma mensagem bela, a reclamar e a assegurar o inconfundível lugar de Deus no turbilhão desordenado dos povos.

O seu tempo foi, na verdade, de incerteza política.

Sucedendo a Ozias, Joatam seu filho, apesar de «ter feito o que é recto aos olhos de Yaweh» (1) não teve o arrojo suficiente para banir de todo os altos lugares idolátricos.

Nos seus cinco anos de reinado, o País era próspero. Mas Sião prostituía-se espiritualmente. (2) As suas filhas caminhavam bamboleando-se ataviadas com oiro e atractivos ao pecado, arrancando à prosperidade passageira uma inconsciência abominável e confrangedora.

Em 735 surge Acaz. A impiedade invade, então, a própria casa de David. Judá ia perdendo a confiança em Yaweh e a consciência das Promessas da Aliança. Não podendo valer-se das armas da fé, tentavam os seus monarcas pisar o trilho dos iníquos: firmar-se única e cìnicamente na manobra política, no subterfúgio diplomático, aproveitando os conluios mais prometedores de êxito e solicitando as alianças mais depravadas.

O Santo Profeta, atento aos movimentos bélicos e, por inspiração sabendo o malogro de todo o truque humano que despreze a Deus, trovejava oráculos de cominação e abonava a sua influência junto da corte

---

(1) II Reis, XV, 34, 35
(2) Is. I — 21

para despertar, no Rei, a consideração de certas verdades indispensáveis para a fruição da autêntica paz.

A sua indignação atinge o auge ao estalar a guerra siro-efraimítica contra Jerusalém. O coração de Acaz e o do Povo tremeram. Mas Deus manda o Profeta ao encontro do Rei com palavras de sossego, oferecendo-lhe um sinal extraordinário. O Rei sente-se desvairado. Recusa o socorro de Deus e implora o dos Assírios. Chega ao ponto de imolar no fogo, em Tofet, (no arrabalde sul de Jerusalém) o seu próprio filho ao som de música estranha, para aplacar a divindade irada. Como se aviltam o manto e a coroa do Santo Rei David!

Isaías toma um tom sublime. É aqui que a sua mensagem terrífica amontoa tempestades negras e é aqui que ela se torna verdadeiramente mensagem de Paz e de triunfo. O rei e o Povo — vinha infiel aos carinhosos tratos de Deus, (1) — terão o seu castigo pois que não quiseram, pelos benefícios duma religião pessoal e a restauração do culto público, pôr-se ao alcance da verdadeira Paz.

Teglatfalasar, Salmanasar, Sargão, Senaquerib, todos os imperadores Assírios serão o flagelo de Deus sobre Judá pecadora. A queda de Israel estava próxima; Samaria seria arrazada 12 anos depois. Seguir-se-ia Jerusalém. O profeta prenunciará a Ezequias o cativeiro. (2)

Mas, para além deste quadro sombrio e alarmante, o pano de fundo permanece a Paz.

Esta aparece, primeiramente, como um bem pessoal. As próprias ameaças tendem a provocar o culto e os actos de religião que, por si, levam à Paz. Por isso ela vem de mãos dadas com a «Justiça (Santidade), de modo que toda a mensagem se poderá resumir naqueles versículos de Isaías II:

> «Ah! se tivesses atendido às minhas leis,
> A tua paz seria como um rio
> E a tua justiça como as ondas do mar».
> Is. XLVIII — 18

> «Não há paz para os malvados, diz Yaweh».
> Is. XLVIII — 22

---

(1) Is. V — 1-8
(2) Ezequias (727-690) recebera favoràvelmente os enviados de Merodac-Baladão

Assim se entende que o Profeta aponte os preparativos de guerra ao mesmo tempo que a idolatria. (1)

Quando o Povo cumprir a Lei de Yaweh, a Paz será um bem comum. O Messias virá realizar a obra de restauração da ordem sobrenatural e, pela graça santificante, voltará ao mundo, novamente, a primitiva pacificação universal.

> «A justiça será o cíngulo dos seus rins e a fidelidade o cinto da sua cintura.
>
> Habitará o lobo com o cordeiro, e o leopardo se deitará com o cabrito; comerão juntos o bezerro e o leão, e um menino pequeno os apascentará. A vaca pascerá com a onça e as crias de ambas repousarão juntas, e o leão como o boi comerá palha.
>
> O menino de leite brincará perto da toca do áspide e o recém-desleitado meterá a mão na caverna do basilisco.
>
> Is. XI — 5, 10

Os povos, «das suas espadas farão relhas de arado e das suas lanças foices; não levantarão a espada gente contra gente, nem farão manobras de guerra». (2) A obra nefasta de Adão será recompensada pelo triunfo do Messias, Rei de Paz. (3) O Profeta associa a esta glória do Emanuel a figura da Virgem grávida e, pela união, deixa já pressaborear o título tão querido de Maria — «Rainha da Paz». (3)

Estando na ordem das promessas e das esperanças Messiânicas, a Paz é necessàriamente um bem dinâmico porque necessário à sociedade, recebendo, nos oráculos do Santo Profeta, um sentido operante e escatológico (4) Prémio para um pequeno «resto fiel» de eleitos, a paz é difusiva como a luz. Entra no perfeito círculo da caridade, e constitui uma das notas mais flagrantes da causalidade divina nos sucessos históricos. Entra nos conceitos duma verdadeira Teologia da História, sem dúvida latente na mensagem do «mais divino dos Profetas». (5)

Esta Teologia, segundo Isaías, não pára apenas nos castigos de Yaweh em razão dos pecados sociais. Deus é justo mas também mise-

---

(1) Vide Introduction à la lecture des Prophètes — Chaine, pág. 62; Is. II — 7, 8
(2) Is. II, 4
(3) Is. VII — 14
(4) Is. XXIV — XXVI
(5) Alguns Padres da Igreja gostavam de chamar assim a Isaías por Ele ser o mais Neotestamentário dos Profetas.

ricordioso. O castigo tem sempre em vista um fim; vem em função da Paz, que será e é uma restauração e uma glória do Reino de Deus.

A mensagem de Isaías, aparentemente de castigo e restringida à exaltação final do nacionalismo judaico, toma assim uma amplidão sobrenatural e transcendente, onde resplandecem todos os atributos divinos, onde cabe a universalidade da salvação e onde se prega que, enquanto os homens não cumprirem o seu destino religioso, sob o influxo da graça redentora de Cristo, não poderá existir, no mundo, a Paz desejada.

A. LEITÃO

Vinde, subamos ao monte de Yaweh,
à Casa do Deus de Jacob!
Ele nos ensinará os seus caminhos
e iremos pelas suas veredas,
porque de Sião há-de sair a Lei
e de Jerusalém a Palavra de Yaweh!
Ele julgará as gentes
e ditará a sua Lei a numerosos povos
que das espadas farão relhas de arados
e foices das suas lanças.
Não levantarão a espada, povo contra povo,
Nem se treinarão para a guerra.
Vinde, ó Casa de Jacob,
e caminhemos à luz de Yaweh!

(Is. II — 3-5)

A PAZ DO MUNDO PELA PAZ DE CRISTO

(GIORGIO LA PIRA)

A vida do homem de quem vou falar tem valor sobretudo como experiência realizada confiadamente e com pleno êxito. As palavras do Evangelho foram cumpridas à letra, e daí resultou uma epifania de Deus no homem e na obra. É a vida de um contemplativo, quase de um monge. A contemplação é, precisamente, a fonte inesgotável da sua prodigiosa acção feita a bem da humanidade, nos corpos e nas almas. Escreveria, talvez, melhor se dissesse: Giorgio La Pira vive entregando aos outros o fruto da sua vida contemplativa e de tal modo que não há partes justapostas, mas harmonia e unidade.

Contudo, ele é um realista apaixonado, estuda os problemas a fundo e cabalmente os resolve quando se lhe deparam os factos do dia a dia. Assim foi com os pobres e os operários de Florença.

O seu principal desejo é construir a Cidade verdadeira, a Jerusalém celeste que importa ir edificando já na Terra. ORAÇÃO — BELEZA — ACÇÃO, eis as bases fortes sobre que vai construir. Delas nascerá a paz.

Trabalho — Estudo — Amadurecimento

Se fôssemos a Florença e perguntássemos a um homem da rua pelo Síndico, era capaz de responder-nos como um ardina a Daniel Rops: «é um santo»; ou talvez: «ele dá aos pobres todo o seu ganho». Assim disse o porteiro do hotel. Esse homem simples, vivo, de olhos cintilantes de inteligência a irradiarem paz e uma limpidez interior fora do vulgar, de sorriso cativante e com o fogo do amor no coração, esse homem, cuja bondade anda na boca do povo, nasceu pobre na Sicília.

Órfão aos 10 anos, Giorgio lê àvidamente. A sua curiosidade tudo procura. De dia trabalha, de noite estuda; e aos 18 anos consegue o primeiro diploma. A dureza da vida vai-o amadurecendo, mas não deixa de estudar grego, latim, direito, até que alcança a bacharelato. Era então sapateiro. Em 1926 vai para Florença. Começa a grande etapa da vida.

Ser tudo para todos

Por essa altura opera-se nele uma transformação radical. O problema religioso antepõe-se a qualquer outro. Na vida de Vico Necchi, escreve o que poderia aplicar a si mesmo: «O momento crítico para o homem é quando um ideal, tão grande que é universal, aparece de improviso à alma e a ocupa. Há então nela como que uns esponsais místicos.»

A sua alma percebe claramente qual o polo que a atrai: Deus, só Deus. Apenas Ele a pode encher e dar-lhe tranquilidade. O essencial da sua vida será, pois, o Amor, mas um amor construtivo e portador de paz. «Ser tudo para todos», «anunciar aos homens o mistério tão doce de Deus que vive neles».

Foi durante esta tomada de consciência que a célebre tese «O direito de herança dos Romanos» lhe deu a cadeira de Direito Romano na Universidade.

Em 1933, Mussolini chega ao auge do poder. Com notabilíssima capacidade de síntese La Pira, reflectindo nas ideias mestras do fascismo, viu os defeitos e perigos, predisse a morte do regime e tornou-se anti-fascista.

Funda a revista «Principi» que é interdita; faz conferências por causa das quais o insulta na esquadra um chefe do fascismo; e só não é preso por se temer uma revolta popular.

Quando veio a guerra, o governo obrigou-o a afastar-se da cidade. Mas três dias depois da libertação de Florença, reentra num camião, em cima dos sacos de farinha mandados pelo Vaticano. Era o carro dos pobres.

Ao ser nomeado Professor tinha um belo quarto muito bem mobilado. E como metera Deus na sua vida, pensa: ou se é cristão ou se não é. O seu quarto começou, pois, a ser de todos os estudantes e artistas pobres: asilo público. Mas, por fim, foi-se a buscar um refúgio no Convento de São Marcos. Aí conseguiu uma cela, um leito, uma mesa e um lavatório de ferro. Tempo de profunda meditação e intensa maturação interior.

Construir a cidade

«Se eu for eleito síndico, combaterei pela alma de Florença. «Não pode haver coexistência pacífica entre a arte luminosa do nosso património espiritual e o materialismo.

Nove horas da manhã. La Pira entra no palácio comunal, mas não vai só. Deus anda com ele desde manhã; inútil nessa zona de silêncio. «Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo...» Um homem livre para dar e para se dar. «Falai...»

«Como está ele ali? Porque razão está ele ali? Muito simples. Foram os pobres que o elegeram, e deixou-se eleger por causa dos pobres com o fim de aplicar os princípios infalíveis do Evangelho. Não se diz lá: «aquilo que fizerdes a um destes é a Mim que o fazeis»?

É preciso reconstruir cristãmente a cidade. Começar pelo homem, no seu corpo e na sua alma. Uma casa, pão para a boca e trabalho — dum lado; beleza, oração, Deus — do outro. Sarar a vida do pobre. A tendência para os mais necessitados é a pedra de toque para se conhecer a presença de Cristo num homem. A missão da Sociedade é cuidar do próximo, do homem injustamente ferido no caminho da vida. Não é verdade que somos todos irmãos? Por isso dar habitação, procurar trabalho, fazer escolas, equilibrar a vida do homem foram os belos sonhos do seu programa e são as suas mais belas realizações: — «Questão dos estabelecimentos *Pignone*, das oficinas *Delle Cure, Bairro de Isolotto, etc.*» A pessoa humana ganhara o primeiro lugar.

Mas isto só não chega. O homem, tendo alma e sendo filho de Deus, deve abrir-se às belezas criadas por Seu Pai. Acima do equilíbrio social, está a cultura e a vida do espírito. «O erro das democracias é ter da comunidade humana uma ideia horizontal. A minha concepção é vertical. Eu quero levantar os espíritos. Criei aqui mesmo, na sala do Palazzo Vecchio, exposições gratuítas de arte». A sala enche-se. O que falta ao povo, quando lhe falta o gosto do belo!

Contudo, não podemos parar na beleza humana. É precisa a oração. Facilitar a elevação para Deus, a aprendizagem terrestre da actividade eterna, acabar com o divórcio entre o rezar e o agir. Uma só realidade conta: a vida do Corpo Místico. Na Comuna deu-se o primado aos VALORES ESPIRITUAIS. Recorde-se a Missa dos Pobres começada em 1934.

Construir o mundo na Paz

A glória de La Pira como professor e adversário do fascismo, a sua bondade como pai dos pobres e delegado dos operários, deram-lhe um

lugar primordial na fila dianteira dos contrutores da PAZ. Pois, para edificar um mundo novo na Paz, que nos falta? — Deus, centro da História, o Único cuja Palavra é a precisa para a salvação da humanidade. A relação entre a criatura e o Criador é muito mais que jurídica, é uma aliança de Amor entre o redimido e o Redentor.

Que resultado obterão os anti-comunistas oficiais se nada têm que oponham à falsa concepção do homem? Ainda não compreenderam que o Comunismo é um messianismo terrestre. O perigo está no terem arrancado ao seu contexto único os valores cristãos do trabalho, fraternidade e promoção dos desfavorecidos. As estruturas ocidentais já pouco têm de comum com a verdade do Evangelho. Reparai na economia do proveito, quando devia ser Economia das Necessidades.

La Pira ergue casas, dá pão e trabalho aos pobres; e, ao mesmo tempo, desce à profundidade, trabalha por remodelar as linhas injustas da Sociedade. (1) Assim em

Il Convegno per la Pace e la Civiltà Cristiana

Necessidade do homem religioso de dar ao mundo todo a paz que tem em si. O cristão é universal, a sua cultura funda-se em Deus, pode e deve ser o instrumento da união entre os povos. Temos que assegurar aos homens a alegria do trabalho, o conforto duma casa, a beleza da cultura e o desejo de fraternidade, no sentido cristão. Apenas deste modo serão verdadeiros os nossos princípios comuns:

1.º) — O homem está destinado a um Reino de beleza e verdade, desde a Terra.

2.º) — Deve reinar no mundo uma solidariedade fundamental entre os homens.

3.º) — Os valores espirituais produzidos pelo génio humano, purificados pelo Cristianismo, representam a auréola da humanidade e fazem parte da civilização cristã. Pertence-nos desenvolvê-los o mais possível. (2)

Foi a esta luz que em Junho de 1952 começaram em Florença as Assembleias da Paz. Tiveram êxito? porquê? — La Pira nunca esquece os meios sobrenaturais. As velhinhas, os monges, os amigos pediram pela paz. E foi este o peso espiritual que inclinou a balança: os simples de joelhos, as almas contemplativas, as almas escondidas e aparentemente inúteis, as almas do silêncio, unidas a Deus por Cristo, sentindo com a

Igreja. Foram elas que pediram pela Civilização e pelo homem. Pedir pela Civilização, pela Sociedade nova, cristãmente inspirada onde todos vivam uma vida, modesta embora mas digna do homem. Pedir a Deus que suscite homens de pensamento e de acção, artistas e chefes, penetrados de Cristo, convertidos no interior e no exterior.

Acorreram à chamada de La Pira, a Florença — cidade da luz e da esperança, da arte e da oração — representantes de alto valor de quase todos os países. Os temas das quatro Assembleias já realizadas foram os seguintes:

1952 — Civilização e Paz. A Paz não pode ser material; é impossível fora dos valores fundamentais do Cristianismo. A Paz inclui a ideia de civilização. Daí a missão da Cidade, da Nação e dos Povos reunidos.

1953 — Oração e Poesia. Falta ao mundo a cultura vertical. O homem será homem sem poesia e sem oração? São os Santos e os poetas quem vê mais fundo e mais claro. Beleza — Poesia — Oração — linguagem universal da Paz.

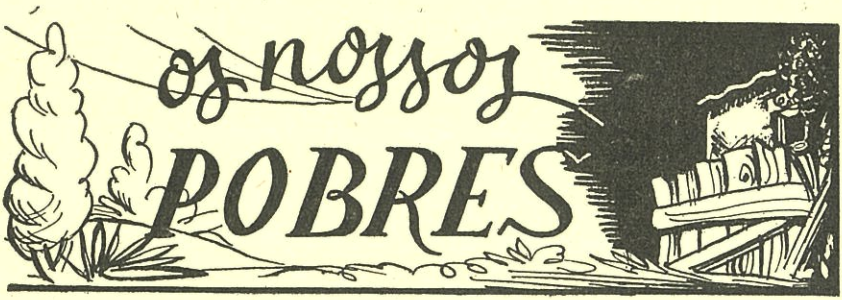
1954 — Cultura e Revelação. A Bíblia ensina-nos uma pedagogia, a única viável, a pedagogia divina. Só ela conduz o Povo por entre os perigos da Terra até à visão beatífica.

1955 — Esperança Teologal e Esperança Humana. A esperanca — virtude teologal — abraça o céu e a terra. As esperanças humanas têm a sua importância e exprimem aquela. Da sua união a Paz resultará.

Estas semanas estudaram os problemas mais agudos do período da guerra fria. Os participantes meditaram, rezaram, e deram-se conta, mùtuamente, de como era necessária a Paz no mundo e nos homens, a Paz que implica Deus. «Se o Senhor mesmo não guarda a cidade, para quê servirão as sentinelas?»

Vale a pena experimentar. Aqueles que como Giorgio La Pira o fizeram, não foram ludibriados. Cada vez mais confiaram da infalibilidade do Evangelho e na Caridade que ele preceitua. A moeda corrente entre os homens, e entre os homens e Deus, a única por Ele aceite, é o Amor. Amar como Ele nos amou. Viver a parábola do Samaritano sem nenhuma restrição. Para que na Terra haja PAZ, entre os homens de boa vontade.

AVELINO MANUEL



Quem passar em frente não diz: «Aqui mora gente que tem fome».

Nas barracas, sim. São sinais evidentes de miséria. Impressionam, incomodam e, ao farto que as encontrar no caminho, sempre farão pensar: «afinal, há gente que vive em más condições...» Mas ali, na Avenida, olhando o prédio novo, alto, de linhas modernas, ninguém se lembraria de tal coisa. Eu, quando passava, não me lembrava. Não dizia que ali houvesse miseráveis.

Entrei, subi ao terceiro andar e agora digo.

Num quarto, ao cimo das escadas, vive um casal com quatro filhos. Dois deles estão tocados nos pulmões. Passaram todos, muitos dias, com um copo de café simples e uma fatia de pão.

Os pais são ainda novos. A vida andou-lhes para trás. Ele era comerciante, faliu, venderam tudo o que tinham, joias e mobílias.

Pagaram as dívidas e ficaram na miséria.

«Não me mato porque a minha mulher e os meus filhos ficariam ainda pior. Mas não posso mais!» E o olhar cansado deste homem só reflecte desespero.

Os amigos dos tempos de fartura desconhecem-no. Um deles, por trabalho de um dia, dá-lhe quinze escudos e manda-o fazer serviços de garoto.

Sente-se amarfanhado e tem de sujeitar-se.

A mulher é de um heroísmo tanto mais admirável quanto ela o ignora. Para não afligir o marido, ainda lhe não disse que, também ela, tem cuspido sangue.

* * *

Ao fundo do corredor, outro caso igual. Diferente só o número dos filhos: são dois.

O médico que os examinou, pôs o dedo na ferida: «estas crianças têm passado fome de maneira incrível!... A mãe, quando os filhos lhe pedem pão, treme e chora.

Foi menina amimada. Nunca sonhara que alguém pudesse viver como ela hoje vive. O sofrimento vai-a minando. Vale-lhe a Fé, que, por graça do Senhor, tem conservado.

Só temo que o delírio, já manifestado várias vezes, seja prenúncio da loucura.

* * *

Não digo mais. Não é preciso. Todos conhecem destas histórias.

Quem dera que elas fossem apenas produto de literatos «proletários»! Infelizmente, são banais, em toda a parte. E nisto está o mal.

Quando vamos aos pobres, ouvimos os pais sem esperança, vemos os filhos esfomeados, febris, não podemos ficar como antes.

Sentimos que a dor não pode ser o ambiente normal dos homens.

Ela tem a função de nos recordar que estamos num lugar de passagem, é verdade.

A vontade de Deus para o comum dos homens não é, porém, que eles vivam sempre no sofrimento. Ele quer que os homens sejam felizes. Que tenham pão. Mas devem ser eles a organizarem a vida, de maneira que todos tenham aquele mínimo necessário, que não falta às aves do céu e às feras dos montes.

Sem isto, é em vão que, por todo o mundo, se clama pela Paz.

Ninguém acredite numa paz superficial. A superfície só pode ser acreditada se reflecte o que por baixo dela se esconde. Um charco não tem ondas; está em paz; reflecte mesmo o céu azul... A crer na superfície, as suas águas seriam puras. E todos sabemos que as águas dos charcos são podres...

Não é a ausência de agitação na sociedade que diz estarmos em

Paz. Esta só é autêntica quando for a Justiça a produzi-la. O Papa diz assim e nós vemos que é verdade.

Uma paz assente na fraqueza dos que sofrem a injustiça é uma injúria, uma caricatura da Paz.

Por isso, quando vimos dos pobres e lemos os jornais que falam de Paz e de Progresso, nós não acreditamos, não podemos acreditar no que dizem.

A necessidade de Deus é, então, maior. Pedimos-Lhe a Ele que ilumine os homens. Que os toque. Que os leve aos caminhos da Justiça e do Amor. Só Ele.

A instauração de uma obra temporal, em que todos os homens fossem materialmente felizes, não foi, evidentemente, a finalidade própria da Incarnação do Filho de Deus. O que é inegável também é que, a partir da humanização do Verbo, a injustiça ficou ainda com menos razão de existir nas relações entre os homens.

No Natal que se aproxima, os chefes religiosos e políticos das nações falarão de Paz. Todos querem a Paz. O segredo dela possui-o uma Criança Pobre, que nasceu num curral. Jesus é o *Príncipe da Paz.* (1) Ele é também o *Sol de Justiça.* E, é para Ele que se dirigem os gritos de todos os pobres, embora muitos deles O ignorem.

Com os pobres, nós gritamos: «Senhor, Paz! Senhor, Justiça!»

A. GUERRA

---

(1) Isaías 9/16

NON IN SUBLIMITATE SERMONIS

Quaisquer que sejam os caminhos que siga, a vida dum sacerdote é sempre, entre os homens, um vivo testemunho de Cristo. Ela assenta em certos postulados, vivificam-na energias espirituais que, embora latentes, nem por isso são menos fecundas. Enquanto padre e enquanto homem (não há fronteiras entre as duas realidades...), as suas atitudes contém um significado que a sensibilidade apreende sem grande esforço intelectual: os gestos sacramentais falam expressivamente aos cinco sentidos; e quando a mão que santifica é a mesma que socorre, até o auxílio meramente natural se transforma numa espécie de sacramento. Numa intensa vida de sacerdote todo o contacto com o próximo adquire assim uma natureza ritual; e por mais silenciosa que essa vida seja, ela contém sempre um forte caudal de doutrina, e é, por si só, uma revelação parcial da natureza de Deus.

Há portanto uma doutrinação litúrgica, expressa naquela linguagem universal com que a Igreja supera a barreira das línguas. E há uma doutrinação de presença activa, implícita na pessoa e nos seus actos. Mas, como não é doutrinar a finalidade essencial da liturgia, não admira que essa linguagem se revele insuficiente, embora expressiva e poderosa; e como não é possível realizar a plenitude da Verdade numa pobre vida humana — que de resto ficará sempre, apesar de tudo, ambígua — compreende-se a necessidade da palavra como meio de dar a sentir a Verdade, completando e interpretando os aspectos «materializados» que o sobrenatural assume no tempo.

Isto equivale a dizer que a pregação, se bem que necessária — o próprio Cristo a utilizou, Ele que era, em pessoa, Deus e Verbo de Deus — não é todavia independente de testemunhos vividos, que ela apenas prolonga, propulsiona e esclarece. Porque as verdades cristãs, são verdades «incarnadas», verdades que deitam sangue. Aí reside a sua humanidade e daí tiram todo o seu dinamismo. Importa que o sangue circule, mas importa ainda mais que exista sangue. Em vez de elaborarem sistemas coerentes e autónomos, os primeiros evangelizadores iam direito à Fonte, e contavam furiosamente o que viram, às vezes com risco da própria vida. Não eram teólogos, mas testemunhas, *mártires*, no sentido etimológico do termo. E quando não falavam expressamente do que viram, nem por isso podiam deixar de trazer nos olhos o assombro das coisas vistas e nas mãos o calor das chagas do Corpo Glorioso.

Hoje como ontem, a pregação autêntica depende essencialmente *daquilo que se vê* — no Tabor, no Calvário, no Cenáculo, na estrada de Damasco, no altar, no confessionário ou dentro das quatro paredes dum quarto — muito embora daquilo que se vê nunca se fale. Por outras palavras, a comunicação com os homens exige uma intensa comunicação com Deus — sem o que toda a pregação será vã, «velut aes sonans aut cymbalum tinniens», ainda que se fale a língua dos anjos.

Há porém um aspecto técnico, uma arte de comunicar a «palavra de Deus», cujos processos, não dispensando o auxílio da Graça quanto à eficácia definitiva *(Ego plantavi, Apollo rigavit, sed Deus incrementum dedit)* nem as lições da história quanto ao seu modo de aplicação, dependem muito do contexto humano em que se situam, e são por isso variáveis no espaço e no tempo. É sobre essa técnica que vamos reflectir um pouco, com a sensibilidade dum leigo, e colocando-nos predominantemente num ponto de vista laico.

Pregar evoca no nosso espírito um outro termo — *sermão*. E *sermão*, toma-se muitas vezes na língua portuguesa como sinónimo de *descompostura*. Claro que não foi por acaso que isto aconteceu. Cronològicamente, o primeiro papel do

sermão é disciplinar as crianças na Igreja. «Não vês que está o Sr. Prior a ralhar?» — dizem as pessoas crescidas. E o menino cala-se, porque na verdade, tudo leva a crer que o Sr. Prior esteja de facto a ralhar. Mas pouco a pouco vai descobrindo que o sermão não é com ele. E continua não raras vezes pela vida fora a mesma convicção infantil de que, na Igreja, nenhum sermão é com ele; e o Sr. Prior fica sempre o censor, o homem que ralha, a pessoa que se evita porque não deixa que a gente ande à vontade na vida. E assim o Sr. Prior perde o contacto com as almas — embora continue a ser uma autoridade pública, ostensivamente respeitada.

Por outro lado, apesar de tudo, o Sr. Prior permanece até ao fim o homem que ama, o homem cuja profissão é amar e que tem as mãos cheias de tudo aquilo que pode dar à vida humana alegria, beleza, plenitude e verdade. Ralha porque lhe doem as ofensas a Deus e a ruína das almas: ralha porque ama.

Sabemos que o padre não tem mais probabilidades de ser integralmente comprendido do que outro homem qualquer. Pelo contrário. Tem menos. O mais importante da sua vida passa-se no deserto, no abandono e no silêncio. Ser um sinal de contradição entre os homens é mesmo inerente à vocação sacerdotal. Esta escrito.

Mas isso não dispensa o padre de fazer todo o possível para reduzir ao mínimo a incompreensão de que é vítima, sobretudo quando ela atinge valores que o ultrapassam. «Vos estis lux mundi». Pouco importa que se veja o foco, desde que fiquem bem iluminadas as coisas para que ele aponta. E muitos valores cristãos ficam na penumbra, incomunicáveis, infecundos, porque a luz se dispersa nos arrabaldes do moralismo, longe do templo, e porque à volta deles se ergue uma barreira de arame farpado geradora de inibições que dificultam o acesso.

Moral também os pagãos a têm — e não têm mais nada para além dela. No cristianismo, porém, a moral é um ramo que só tem sentido enquanto preso ao tronco.

Se não é a moral a essência do cristianismo, porquê começar por ela, insistir tanto nela, erguê-la entre os olhos dos homens e a Face do Senhor?

Claro que a moral *também* é verdade. Mas não é uma verdade autónoma. Há uma hierarquia entre os elementos da Verdade Total. E a assimilação desses elementos processa-se de certa maneira no coração do homem. Um coração que treme de frio não entra pela porta da lei, mas pela porta larga do Amor. Uma vez lá dentro, não sob a pressão do medo (que não tem nada que ver com o *temor de Deus*, feito de ternura e de confiança filial), mas ao clarão duma luz nova, a pessoa descobrirá que não tem as mãos limpas; aceitará com amor a disciplina da Casa Paterna; escolherá, por amor, o caminho obscuro e a porta estreita; e compreenderá, à luz do amor, coisas que a outra luz nunca teriam sentido.

Como pode fazer a vontade de Deus quem nunca o amou? E como pode amá-lo quem nunca viu uma imagem, um indício, um sinal daquele amor infinito e gratuito que Deus tem por nós — pela pessoa de cada um de nós? «Si Scires donum Dei»... —dizia Jesus à Samaritana dos seis maridos, junto à fonte de Jacob. Se ela conhecesse o dom de Deus não precisaria de mais nada para preferir a «água viva» e para matar a sede a Jesus e a todos os judeus que encontrasse.

É que, assim como a lei de Deus decorre do Seu dom, assim também o cumprimento da lei nasce do amor com que se corresponde ao seu dom, e torna-se então, e só então, um acto de amor — uma prova de amor. «Et in hoc scimus quoniam cognovimus eum» — diz o discípulo «que Jesus amava» — «si mandata eius observamus». Pode-se todavia amá-Lo e não fazer a Sua vontade, mas isso é precisamente o pecado nas suas trágicas, verdadeiras dimensões: não a violação do artigo dum código, mas uma traição ao próprio Amor Substancial. Nesta perspectiva, o Inferno deixa de ter — é certo — papel de grande relevo na economia da salvação. E na verdade, o seu papel será tão grande como o que a pregação tradicional lhe tem atribuído? Não é nesta perspectiva que ele deve precisamente situar-se?

Não será aí que o situa o Evangelho, fazendo dessa «arma» um uso tão sóbrio? Qualquer ser humano sente, como sentia Santa Teresa, que o Inferno por si só não poderá levar ninguém a amar a Deus. Pode levar a não ofender, por medo. Mas entre *não ofender por medo* e *amar mesmo ofendendo* há uma grande distância! — a distância que vai de Pilatos, que teve medo de sujar as mãos, a Pedro, que negou a Quem amava: dum lado uma abstenção puritana, que nem por isso deixou de ser criminosa, e sem remissão; do outro, um acto terrível, que, levado aos seus limites naturais («egressus foras, flevit amare») lançou a sua gota de sofrimento no sacrifício de Cristo.

O medo pode gerar quando muito uma religiosidade meramente ritual, quase feitichista, um aprumo externo irrepreensível que impede qualquer inquietação fecunda e constitui uma espécie de blindagem contra a Graça; na melhor das hipóteses, um elevado nível de moralidade que nada significa em termos de perfeição cristã e que funciona até como *alibi* da verdadeira santidade; concretamente, no plano individual, seres medíocres, com a consciência de cumprir o seu dever — (mas onde é que termina o dever de uma pobre criatura que se esforça por corresponder ao Amor Infinito?); seres realizados, acabados, liquidados, suficientes, nutrindo um secreto desdém por tudo o que não possuem, — loucura de santos, sensibilidade de poetas, beleza física de seres humanos; seguros (e por que preço!) contra todos os riscos de pecar, o próprio Satanás os deixa tranquilos, porque, significando a sua impecabilidade carência de amor, ela já representa, por si só, um lucro positivo.

Sem o amor tudo se perde, tudo é inútil, tudo é vão. Até a virtude e o medo do Inferno. «Et si distribuero in cibos pauperum omnes facultates meas, et si tradidero corpus meum ita ut ardeam, charitatem autem non habuero, nihil mihi prodest». Se o amor sem obras é mentira, obras sem amor não o são menos: porque, além de fomentarem o orgulho, desfiguram e desacreditam a verdade. Foi assim que a esmola transformou a caridade numa humilhação que o mundo do trabalho altivamente repele.

Só o amor salva as obras, as boas e as más, convertendo as iniquidades frias em pecados escaldantes: «remittuntur ei Peccata multa, quoniam dilexit multum» — disse o Senhor explicando a Simão o caso da pecadora pública. Só o amor nos salva de nós mesmos, dos perigos da virtude dos pântanos da moralidade passiva, e da hipocrisia — a de tipo fariseu e a de tipo publicano. Só o amor, fome que procura o alimento da vontade de Deus, pode ser fonte duma vida activa com projecção sobrenatural...

O segredo do aperfeiçoamento cristão, não está portanto em desenvolver a qualidade intrínseca dos actos, mas a relação entre o acto e o estado de alma que o necessita, de tal modo que as duas realidades mùtuamente se fortifiquem e contemplem. Importa sobretudo aumentar o caudal da fonte, tornar a fome cada vez mais exigente... Começar porém a extorquir, sob o medo das consequências, os frutos que o amor, pelo seu próprio dinamismo interno, com mais ou menos pecado naturalmente produziria — isso é sem dúvida baralhar os valores e inverter os caminhos de Deus: é começar pelo fim, mas sem nunca parar de começar, tacteando numa escuridão onde só Deus pode ver claro. Com efeito, o mal individual terá sempre responsabilidade individual, remédio individual? Quantas pessoas de bem estarão implicadas no crime que um só homem cometeu? Quem é, de certeza, mais imoral perante Deus: o ébrio que passa o domingo na taberna depois de trabalhar de sol a sol a semana inteira, ou o terratenente que santifica o domingo, depois de ter pago a quem trabalhou para ele de sol a sol o salário legal, gastável numa dia de taberna? Qual será exactamente o grau de malícia da rapariga que reduz o vestuário para se fazer amar? Quem mais ofende a Deus: as criadas de servir que se fazem prostitutas, ou as senhoras honestas que, por cumprirem o sexto mandamento, as atiram grávidas para a rua? O que é mais anti-cristão e mais absurdo: padres massacrados, a dar testemunho de Deus para lá da cortina de ferro, ou o regime de morte lenta a que estão submetidos milhares de crianças inocentes detrás das cortinas da civilização

cristã? — Sobre isto sabemos apenas que ninguém tem as mãos limpas e que só o Amor, só Cristo, só o Corpo Místico (que é Cristo crescendo no tempo), poderá fazer alguma coisa para reduzir e neutralizar o mal do mundo, e criar nas almas o sentido de Deus. Iniquidades e imoralidades — individuais ou colectivas — da paróquia do Sr. Prior, são um problema a resolver, directamente, por ele e pelos «santos» da paróquia.

Portanto, para começar, «unum est necessarium»: estar aos pés do Senhor como a irmã de Marta, e aprender ali. Ele, para começar, não pregou um *sermão* à mulher dos seis maridos: disse-lhe, simplesmente, a ela primeiro que a ninguém, Quem era.

Quem Ele é — este tem de ser, agora como naquele tempo, o tema fundamental da pregação. Deus uno e trino na história humano-divina do seu *dom:* a *loucura* da paixão que o fez descer até homem, morrer de amor e ficar entre os homens vivo e actuante; a Caridade, substância de Deus, objecto da Fé e da Esperança, eterna como Deus. Não a caridade filantrópica, mas a caridade teologal. Na sua dupla direcção — Deus e o Próximo. E nas formas múltiplas e sempre novas que humanamente deve revestir, à margem da esmola e da beneficência, que não passam muitas vezes dum tosco *alibi.*

Por aqui se começa e aqui é também por onde se acaba. Todos os temas subalternos podem partir daqui ou convergir para aqui. Este é o coração da Verdade. E só na articulação — expressa ou subentendida — com ele, recebem os outros razão de ser e pleno sentido — o sangue que os não deixará apodrecer como membros gangrenados. —

Até os temas de ordem temporal, em que se tratam problemas gerais da comunidade ou apenas extensivos a grupos, até esses podem e devem ser tratados à luz do grande tema central. E nunca haverá receio de ir demasiado longe nesse sentido, desde que não se apresente como uma sentimentalice inoperante, mas como uma virtude activa, própria de almas robustas e corações viris. Há um laicismo na vida pública porque há um laicismo na vida privada: este e não aquele deve ser combatido em p r i m e i r o lugar. Para o fazer seguramente, sem dar a sensação de comentário supérfluo e marginal, é preciso que o Sr. Prior construa à sua volta um clima de verdade e mantenha um convívio directo com as suas «ovelhas» de modo a conhecer-lhes bem as vidas, os sentimentos que as impelem, a problemática de cada grupo e as aspirações comuns dominantes. Não porque seja da sua competência resolver problemas temporais, mas porque há uma seiva de caridade a injectar nos problemas temporais, uma maneira cristã de sentir as dificuldades e os fracassos temporais. De nada valerá denunciar as impurezas de que se envolvem, se não houver sobretudo a preocupação de os colocar no altar. Senti-los à luz de Deus, na presença de Deus, já é, por si mesmo, uma forma de depuração, que produzirá nos fiéis uma certa pureza de intenções. Atirar com o mal à cara da gente não é maneira segura de neutralizar os efeitos do mal. O abastecimento de águas pode constituir, em dado momento, uma empresa tão agradável a Deus como a construção duma capela em honra de Santo António. Se o Sr. Prior se empenhar em espiritualizar o abastecimento de águas tanto como habitualmente espiritualiza a construção da capela, talvez evite muita ocasião de pecado e ponha muita caridade em circulação. E tavez o sapateiro do Sr. Prior, que é analfabeto, aprenda por este processo a fazer sapatos religiosamente e a servir-se dos sapatos como meio de santificação...

Neste aproveitamento espiritual dos problemas locais, como em qualquer exposição doutrinária, todo o terrorismo me parece deslocado. Suponhamos que secaram as fontes, chuvas torrenciais devastaram as searas, as batatas foram atacadas de mal-murcho. Em vez de, como quem está fora de causa e conhece os segredos de Deus, estender o dedo e acusar — castigo dos vossos pecados! — que magnífica oportunidade não tinha o Sr. Prior de activar a chama, unir o seu povo ao Senhor da chuva, das batatas e das searas! Uma oração, uma contrição... E se no ano seguinte foram abundantes as colheitas? — Bem, como nas estatísticas do Sr. Prior os pecados

aumentaram, compreende-se que ele fique um tanto embaraçado entre a teologia e a matemática, embora nem por isso deva esquecer a acção de graças que as circunstâncias exigem...

Construída uma atmosfera de caridade, pode vir a propósito ralhar. Já então os caracteres violentos o podem fazer sem risco, porque já os ouvintes vêem na indignação um excesso de amor e se sentem admoestados «ut filios charissimos». Era assim que admoestava S. Paulo, nas suas cartas agressivas; a mais agressiva de todas, porém, dirigida aos «insensatos Gálatas», está cheia de ternura maternal: «Filioli mei, quos iterum parturio, donec formetur Christus in vobis».

Quer dizer, não basta pregar a caridade. É preciso pregá-la caridosamente, de tal modo que a pregação seja logo, em si mesma, um acto de amor. Não se requerem para isso dons oratórios especiais, mas uma capacidade quase mediúncula de despersonalização e de identificação com o auditório, segundo o exemplo dado por S. Paulo na carta aos Coríntios: «Et factus sum Judaeis tanquam Judaeus, ut Judaeos lucrarer; iis qui sub lege sunt, quasi sub lege essem (cum ipse non essem sub lege), ut eos qui sub lege eram lucrifacerem; iis qui sine lege rant, tanquam sine lege essem (cum sine lege Dei non essem, sed in lege essem Christi), ut lucrifacerem eos qui sine lege erant. Factus sum infirmis infirmus, ut infirmos lucrifacerem; omnibus omnia factus sum, ut omnes facerem salvos»: Quando o mesmo S. Paulo veio pregar a Boa Nova aos destinatários desta carta, conta que o fez, «non in sublimitate verbis», porque ele nada sabia de nada, «nisi Jesum Christum et hunc crucifixum».

«Non in sublimitate sermonis». Muito surpreendido havia de ficar S. Paulo diante de certos discursos monologados em palavras difíceis num púlpito «distante», esbracejados, convulsivos, e musicados num tom artificialíssimo, — desde a viscosidade melíflua que substitui a verdadeira vibração interior, até à grandiloquência espectacular do «distinto orador sagrado», que veste de flores de retórica a magreza dum esquema elaborado segundo todos os preceitos da arte. Apresentar a verdade assim, mais de acordo com as leis da eloquência do que com a situação peculiar do auditório, é esvaziar a verdade da sua virulência e da sua força contagiosa.

Porque a pregação não poderá consistir em mostrar a verdade exótica que passa em nuvens, muito linda nas suas vestes irreais, mas em dar à verdade um sabor humano, colocá-la ao alcance da mão, incorporá-la nas pessoas e nas vidas, até ao ponto de a tornar banal e indispensável como o pão cotidiano.

Quando soprou sobre a Igreja nascente o vento abrasador do Espírito que transformou em pregadores os fiéis reunidos no Cenáculo, aquilo que impressionava a multidão não era a arte de dizer, mas o facto espantoso de serem compreendidos pelas mais diversas gentes, narrando as «magnalia Dei» na língua em que nascera cada um — «in qua nati sumus». E nem a sua eloquência devia ser muito segundo as regras, pois não faltou quem os julgasse embriagados. E foi com esta eloquência que, num só dia, convenceram e baptizaram três mil pessoas.

Hoje, como no primeiro dia da Igreja, a eloquência cristã é feita do fogo do Espírito Santo e da ciência de falar a língua de cada um — sobretudo quando se dirige a almas baptizadas, cujo problema não é de conversão, mas de santificação, autenticidade e perseverança. Não basta que o sermão se compreenda: é preciso que se sinta e se viva no plano das coisas reais.

Uma das formas de pregar caridosamente consiste pois em fazer uso dum sistema de sinais adequado — sinais que, para o pregador e para o ouvinte, tenham um sentdo, senão igualmente preciso, pelo menos igualmente rico. Estes sinais não são apenas as palavras, mas ainda as imagens, a música da voz e a expressão física global. Transigindo embora com o gosto de auditórios especiais (Em pé no meio do Areópago, numa assembleia culta de filósofos, S. Paulo foi diferente: começou como Demóstenes — Hô ándres Athenaîoi — serviu-se de terminologia religiosa local — Ignoto Deo — e até citou poetas atenienses...), o estilo ideal dum sermão parece-me ser o da conversa em clima de intimidade e confiança, com imagens colhidas dos tra-

balhos diários e da natureza circundante, com as palavras de todos os dias e de toda a gente, e no tom em que se trata de qualquer problema doméstico. Nem é outro, afinal ,o estilo dos Evangelhos: realidades sobrenaturais expressas numa problemática de agricultores, pescadores, pastores e artífices. Nem é outro, afinal, o estilo da Revelação na sua expressão máxima: o Infinito expresso no barro humano da Pessoa de Cristo. Nenhuma ênfase. Nenhum brilho. Tudo humano, escandalosamente humano, do estábulo à cruz e à Eucaristia.

Pregar o Evangelho em fórmulas teológicas e em frases de bom recorte que nunca ninguém diria sentado à lareira, isso é contribuir para cavar o abismo entre a ordem natural e a ordem sobrenatural da realidade — esse abismo que o Verbo feito Carne veio preencher.

Daqui não se segue que a linguagem do Sr. Prior deva ser grosseira ou desleixada. Clara, expressiva, chocante, talvez um pouco rude, mas sempre enobrecida pela dignidade dos temas e pela quantidade de sobrenatural que transmite. Se, tanto as pequenas tarefas humildes como as realidades sobrenaturais que as ultrapassam e lhes dão sentido fossem expressas numa língua comum, é evidente que as duas partes do mesmo todo ficariam mais perto uma da outra, com maiores possibilidades de se interpenetrarem mùtuamente. Mesmo inexpressos, todos os sentimentos conscientes exigem o suporte duma linguagem interior. Se metermos as «investigabiles divitias Christi» em fórmulas exactas e obsoletas divorciadas da vida, tornaremos o tesouro inacessível a muita gente, e faremos da religião uma coisa de luxo, domingueira, festiva e folclórica.

Isto não é negar a eloquência sacra como arte. Pelo contrário, é colocá-la no único caminho que a pode salvar da petrificação das fórmulas e das frases feitas, que não só acabam por não dizer nada, mas até contribuem para estagnar aquela tensão espiritual que constitui a fonte de toda a arte. As fórmulas exigem uma renovação constante, um constante esforço de prender o sentido que foge. O vocativo «meus irmãos» terá hoje a ressonância emotiva e doutrinal que tinha outrora? Quando S. Paulo o empregava, novo, com a frescura poderosa do estado nascente, colocava os ouvintes diante do mistério da comum filiação divina. Devia ser uma palavra perturbante. Hoje, tanto para ouvintes como para oradores, não passa duma fórmula de cortesia oratória. Ontem era verdade. Hoje é um enfeite pouco menos que supérfluo — e só uma entoação excepcional ou uma circunstância excepcional podem tornar os ouvintes permeáveis à sua força. Para reparar este desgaste do tempo é preciso um apurado sentido artístico e um profundo conhecimento da língua. Não da língua de Vieira, que dessa já o Sr. Prior sabe que abonde (mesmo que nunca o tenha lido), mas da língua viva, o português vivo em que nasceu a comunidade que Deus lhe destinou. As palavras, as imagens, a frase, o ritmo. O povo está em contacto permanente com realidades naturais de fácil aproveitamento simbólico: o grão que morre, a seiva que não se vê, o trigo esmagado, o fermento do pão, fontes, aves, flores... Se a sua língua é pobre de vocabulário, nem por isso é menos expressiva e menos rica de possibilidades artísticas: porque uma língua escassa em vocabulário abstracto precisa de recorrer a metáforas e a imagens que vêm dos domínios da arte. Os materiais são restritos, mas a plasticidade é grande. E se, usando a linguagem do povo, aprendida na oficina do sapateiro e nos trabalhos do campo, não se conseguisse mais nada senão que o povo vivesse na sua língua cotidiana os seus sentimentos religiosos, já só por isso valeria a pena fazer grandes esforços. Mas quando nessa língua, violentando embora as veneráveis regras da gíria culta, se conseguir meter a teologia da Boa Nova, então os sermões passarão a ser verdadeiras obras de arte e até em prol da língua se terá feito mais do que fizeram em todos os tempos os escravos da gramática e os idólatras da retórica. Esta é a arte que entre nós, magistralmente, exemplifica a Obra da Rua.

Suprimir a grandiloquência gritada e esbracejada também não quer dizer que o Sr. Prior deva fallar sem entusiasmo. Oh, não! Do amor de Deus e das suas

consequências na vida nem nunca se devia falar sem um elevado grau de temperatura interior. *Sancta sancte*. Mas dar às palavras do Filho Pródigo, por exemplo, a música, com que fala um tribuno no parlamento; pôr Santa Luzia ou Santa Maria Goretti a fazer discursos perante os algozes no tom em que uma «desempoeirada» militante da Acção Católica defenderia num congresso as virtudes femininas tradicionais — isto não revela entusiasmo nem comunica entusiasmo: mata num ouvinte de sensibilidade afinada toda a emoção que pretenda esboçar-se; e a única coisa boa que pode oferecer ao povo rústico é um espectáculo mais completo do que aquele que lhe oferece o maestro da filarmónica. O povo gosta assim, mas isso não significa nada. Quando muito, significa apenas que o «distinto orador sagrado» *especula* com o primarismo do seu auditório. Mas quem não é capaz de se fazer ouvir por analfabetos sem se refugiar no pitoresco espectacular ou sem descer a banalidades ridículas, esse não conhece os recursos da língua materna, não é um orador sagrado, embora seja um orador distinto.

Para o verdadeiro entusiasmo ainda não se inventou, graças a Deus, um substituto eficiente. Dir-se-ia que temos um sexto sentido para distinguir o verdadeiro do falso. Antes de ser palavra sonora, o entusiasmo autêntico é uma força íntima. Para ser comunicativa contagiosa, dinâmica, é preciso em primeiro lugar que essa força exista, que essa força se sinta; e depois, que não se esgote, que se imponha uma certa continência, uma espécie de pudor — garantia de abundância e de autenticidade — e que só aumente na medida em que se sentir partilhada: isto para que os *espectadores* se tornem *comunicantes*, e sintam que o Sr. Prior está a dizer precisamente o que elas gostariam de exprimir — sinal de que tudo lhes está penetrando profundamente na alma.

Colocar o sermão no plano da conversa familiar também não significa de modo algum que o Sr. Prior entregue aos caprichos do momento a sequência das suas ideias e das suas palavras. Um sermão que seja menos um tema a desenvolver livremente do que uma comunicação dirigida a um destinatário que tàcitamente colabora, precisa, mais que nenhum outro, duma bem meditada preparação. Mesmo que revista forma dialogada (e porque não, quando possível?), sempre o orador conservará o domínio dos comandos, o mapa dos caminhos a percorrer e as conclusões onde pretende que o interlocutor chegue pelo seu próprio pé. Isto postula a existência dum plano, firme bastante para evitar a dispersão e a prolixidade, e todavia suficientemente elástico para que nele caiba qualquer imprevisível alteração. Plano de certo modo mais difícil de elaborar do que o dos sermões que se destinam a ser homologados nas nuvens (visto que exige imaginação e intuição psicológica), mas por outro lado bem mais fácil de executar: porque, nutrindo-se do seu valor substancial e do seu estilo humano, não só afasta os perigos da retórica (um solecismo só é indecoroso quando se pretende falar fino), mas até dispensa os chamados «dotes oratórios», por vezes incompatíveis com a mais elementar simplicidade.

Quantos oradores não terão enterrado os seus talentos por causa do teatral aparato do púlpito! E no entanto, a palavra de Deus não pode considerar-se uma especialização, só ao alcance de sacerdotes excepcionalmente prendados. «Vae enim mihi si non evangelizavero!» — exclamava S. Paulo. Convém por isso dar à pregação um estilo que a coloque ao alcance de todos aqueles que receberam de Deus o encargo da salvação das almas.

Esta actividade, porém, não me parece forçoso que o Sr. Prior a exerça sempre na Igreja e sempre perante a comunidade dos fiéis. Problemas especiais ganham com ser tratados em grupo; e, para fomentar o diálogo, fora dos ambientes que possam gerar inibições. Também não me parece que o Sr. Prior a deva sempre exercer directamente. Há uma Acção Católica. Aquilo que os leigos precisam fazer é pelos leigos que deve ser feito: não porque a palavra dos leigos seja mais bem recebida, mais eficaz, ou tenha uma autoridade maior, mas porque é essa a melhor forma de promover

a emancipação religiosa do laicado.

No fundo, a eficácia definitiva não é um problema humano. O Senhor da messe é Quem dá o «incremento». E o Senhor parece gostar de construir sobre as ruínas das derrotas temporais. Sabemos que nada se perde nas Suas mãos, mas não sabemos o valor exacto de cada coisa. Que mais importará na santificaçãod as almas: as palavras do pregador ou a humildade com que ele oferecer a Deus a dor dos seus fracassos? Que mais importaria na Redenção: o incomensurável valor das palavras de Cristo ou o sofrimento inenarrável da sua imediata derrota temporal?

De certeza, sabemos apenas que a eficácia sobrenatural dos actos humanos depende exclusivamente do grau de caridade que levarem dentro. No fundo, é só a caridade aquilo que importa.

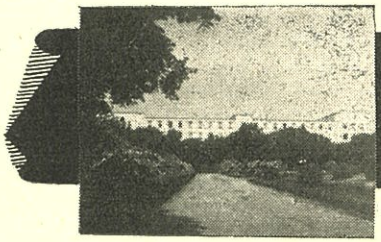
NARINO E SILVA

Em «La Maison-Dieu *(n.º 39) escreve o P.e René Girauld que «quando fala de Deus aos homens, o pregador deve estar em comunhão profunda de um lado com a mensagem divina que exprime, de outro com o povo a que se dirige. Este é o seu mistério próprio, que o diferencia simultâneamente do teólogo, do professor e, do catequista.*

O artigo de Narino e Silva, que agora publicamos, é o testemunho dum leigo que vive densamente a realidade da Palavra Divina. Além do estilo de escritor vigoroso, o seu testemunho vale pela verdade profunda em que se afirma e pelo anseio de maior participação no banquete da Palavra de Deus.

Também os leigos têm uma palavra a dizer: — a que pede o alimento para a sua fome

(N. da R.)



CRÓNICA

No princípio

Bendito o Senhor Deus por mais um ano que começa. Deu-no-lo por misericórdia; pela Sua graça o Santificará!

No dia 27 de Setembro voltámos, e demos alma ao Seminário. É um dia alegre, o da entrada; há gente conhecida e novos irmãos que gostamos de conhecer; recordações das férias e lembranças da reunião em Almada, Fátima, Guarda ou Viseu; saudades do acampamento no Baleal; há entusiasmo e propósitos para os trabalhos que vão começar; e neste Setembro, houve a alegria de vermos quase cheia a nossa casa. Louvado o Senhor da Messe!

Que sejam benvindos

Já os esperávamos. Sabíamos de novos mestres, que vinham lá de Roma com autoridade e ciência.

São eles o Rev.º Doutor Manuel Alves Lourenço que nos está ensinando Direito Canónico e o Rev.º Doutor João António de Sousa, profesor de Dogma Especial e História da Igreja do Curso maior. Parabéns a ambos e que a sua estadia neste Seminário seja repleta das bênçãos do Senhor a fecundarem as Sagradas doutrinas que trazem de junto da Cadeira de S. Pedro.

Mas também há tristeza. Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. Manuel Maria Ferreira da Silva — o Senhor Arcebispo — e Monsenhor José Manuel Ferreira da Silva, como também o Rev.º Doutor Duarte Araújo, deixaram-nos e quase não lhes pudemos dizer um bem haja.

Lá se foram e levaram tudo: a sua simplicidade, viveza, a sua alegria tão cristã, tudo; só deixaram a saudade.

Semear

No princípio é semear. Viemos e começámos. O retiro teve início pela tarde de 28. Entrámos nele como quem desce aos caboucos ou vai para a sementeira. Estes cinco dias vividos no monte do silêncio, onde não há o rumor do mundo e se ouve a voz de Cristo, eram o penhor e tinham em si o segredo de um ano inteiro para Deus.

Pregou o Reverendo Padre Mário Correia, e a sua semente foram palavras que caíram em rego fundo e só não darão muito fruto se o joio os abafar.

Outra sementeira, fê-la Sua Eminência. É o amor que nos tem, que traz até nós este Pai logo que chegamos, para nos ver, estar connosco e nos ensinar. Falando-nos primeiramente no dia 3, pôs no nosso coração a grande santa cuja festa celebrávamos; ensinou-nos a aprender dela a realização do que ela mesma dissera: «O amor só nos consome na medida em que a ele nos entregamos».

Voltou Sua Eminência a falar-nos alguns dias depois, apelando agora sobretudo para uma formação integral da nossa personalidade; no fim exortou-nos a viver e realizar sobrenaturalmente toda a vida do seminário.

A semente caiu. Só a agradeceremos se a soubermos acolher e fazer frutificar.

Actividades académicas

A Academia não foi novidade (ela conta já 20 anos), nem o era tão pouco o programa elaborado, mas foi com satisfação que vimos, no dia 16, o interesse a dedicar aos temas propostos. O Senhor Vice-Reitor, não podendo estar presente, quis enviar-nos a sua palavra de apoio, palavra de incitamento ao estudo dos mais graves problemas actuais. Entre eles apresenta-se, difícil e complexo, o problema educativo.

Abriu a série de trabalhos e finalista José Mendes, com um estudo bem esquematizado do conceito de Educação e a quem ela pertence, — deveres e direitos da família, da Igreja e do Estado. Em complemento, António Ornelas apresentou-nos alguns aspectos do Hinduísmo. A terminar, ouvimos um inesperado adeus à Academia, do Senhor Padre Manuel Falcão. Bem haja por tudo.

A 6 de Novembro, no lugar de assistente, estava o Senhor Doutor João António de Sousa. Para ele, os votos de boas vindas. António Carrilho continuou o tema geral «A Igreja e o Ensino», observando a situação em vários países; o seu trabalho era vasto e bem documentado.

A secção de Filosofia iniciou no dia 23 de Outubro o seu labor. Por certo também ela irá conduzir actividades de interesse. Não vai minguar aos nossos filósofos, assim o cremos, o empenho que se espera. A pouca assistência fez-nos duvidar, mas temos fé no seu entusiasmo. Na sessão de abertura, o académico João Seabra mostrou-nos a figura nobre de D. Manuel Trindade Salgueiro, Arcebispo de Évora.

O Ano Jubilar

O dia 24, foi grande entre todos os que são de festa. O seminário fazia anos, e por serem vinte e quatro, entrava nas suas bodas de prata. A dar-lhes os parabéns vieram muitos dos que foram nele os primeiros alunos, os que o viram nascer. Os de então e os de agora, representando todos os demais que por aqui passaram, juntaram-nos num solene Pontifical de acção de graças. Que a nós se unam quantos devem a este Seminário a bênção do Sacerdócio.

À tarde, reunimo-nos em sessão solene presidida por Sua Eminência, encontrando-se também presente Sua Excelência o Senhor D. António de Campos, bispo auxiliar do Patriarcado. Deram-nos a honrad a sua presença altas individualidades entre os quais os Conselheiros Cruz Alvura, presidente do Supremo Tribunal de Justiça e Álvaro Ponces, presidente da Relação de Lisboa; Dr. Toscano Rico, Vice Reitor da Universidade Clássica de Lisboa; Profs. Drs. Damião Peres, Ernani Cidade, Vitorino Nemésio, deputado Carlos Moreira e outros.

Ouvimos o Senhor Cónego Gregório Neves que nos fez uma larga e profunda dissertação sobre a origem dos recentes manuscritos bíblicos do Mar Morto, trabalho revelador de muito saber, verdadeira oração de sabedoria que foi também abertura do ano escolar. A Pelifonia executou com brilho alguns números de valor. Finalmente Sua Eminência disse-nos que o Ano Jubilar nós o faríamos, se soubéssemos realizar nele o sonho grande que um dia ele sonhara.

Na manhã de 25 cantámos Missa de Requiem por superiores e alunos já falecidos.

Vária

— No dia 23 de Outubro e na semana que o preparou, houve oração, sacrifício e esmola pelas Missões. Na noite de domingo ouvimos com imenso agrado o Reverendo Padre Ernesto Dominguez, S. J., que nos falou de alguns importantes problemas missionários.

— O domingo último de Outubro, o dia de Cristo Rei, foi o dia da nossa casa. De manhã, tivemos missa solene. Fomos à Sé Patriarcal sentir e viver com a Igreja. À noite, muitos de nós estiveram ainda no Pavilhão de Desportos, onde a Polifonia cantou alguns números de muito agrado para todos os ouvintes.

— Pelas catequeses, no começo e até agora tudo tem sido calmo nos demais anos. A abrir as actividades, houve uma pequena sessão preenchida por filmes catequísticos que da Pia Socieda de São Paulo nos quiseram vir mostrar pelo que lhe ficamos agradecidos. Para adjunto

do Senhor Cónego Gregória Neves, foi nomeado o Reverendo António Sobral.

— No dia do Santo Condestável, a Associação festejou o seu patrono. A Santa Missa foi pelas suas intenções. No campo de futebol tivemos mais um jogo de pavilhões; veio a terminar com a vitória do lado B, este ano reforçado por parte da Teologia. A secção desportiva parece merecer à Associação o melhor dos seus interesses. Está sendo de louvar a acção do novo presidente, o Francisco Nuno. Honra lhe seja.

Do programa da festa faziam ainda parte um jogo de voley entre pavilhões, e provas de atletismo.

— O Clan 10 tem feito regularmente as suas reuniões. Para novo chefe foi escolhido o terceiranista Joaquim de Sousa Lopes.

ALBINO CLETO

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme norma canónica e com a aprovação de Sua Excelência Rev.ma o Senhor Bispo do Porto

RUA INFANTE D. HENRIQUE — PORTO

ROSSIO, 93, 2.º — LISBOA

SACOR

Trabalho da Nação
para a
economia da Nação

Um esforço diário de
800
Portugueses



SACOR

EM LISBOA E EM TODO O PAIS

Sociedade de Tapeçarias, L.da

ESTOFADORES E DECORADORES

Rua Augusta, 126 - 130 Tel. 26669

Casa especializada em estofos e decorações, com oficinas próprias e estoques próprios os mais completos e variados e aos melhores preços do mercado.

Sedas, Damascos e Brocados próprios para decorações de Igrejas

As mais modernas criações dos industriais nacionais e estrangeiros

Agradece desde já a Vossa muito estimada visita

Viuva Macieira & Filhos

Fábrica de papel para escrever, impressão e embrulho
Armazém de papéis nacionais e estrangeiros e *papelão*

Trabalhos tipográficos em todos os géneros

Telefones: *Escritório: 31721*
Papelaria: 31722 —— R. da Madalena, 10 a 22 — LISBOA

C. SANTOS

LANIFÍCIOS

Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.

Qualidades para todos os preços — Exclusivos — Secção de cachecois e lanifícos de cor

DESCONTOS E PRAZOS

Covilhã

A Coroa de Ouro

CASA DAS FLORES, L.DA

Rua do Crucifixo, 94 - 96 - 98
Esquina da Rua da Vitória, 104-106-108
Telefone 20.100

Santeiro decorador com oficina própria
Restauro em imagens antigas e modernas
As mais perfeitas imagens em talha de madeira, massa e terracota.
Flores artificiais em todas as qualidades e para todos os fins.
Tudo o que pertence a arte sacra.



Novellae Olivarum — Indice de 1955

Advento (alguns esquemas de celebrações a preparar os domingos do) *(Nov.)*. 269
Apresentamos *(Jan.)* 29
Bem haja Sua Eminência — *Cónego Amaro — (Fev.)* 35
Cântico — *Fernando Melro — (Fev.)* 65
Cinema (Pio XII fala do) — *Vieira Marques — (Out.)* 242
Congresso Nacional da JOC-JOCF (I) — *(Março)* 82
Crónica — *Alberto Neto* 31, 76, 138, 171
— *Albino Cleto* 267, 334
Ensino Religioso à Criança (O) — *Nicolau Baptista — (Junho)* 188
Estudos Sociais (Curso de) — *J. A. S. F. — (Out.)* 263
Iconografia Cristã (Da) — A. Pomba — *Miranda Braga — (Julho)* 222
Igreja (Presença da) — *Fernando Melro — (Out.)* 237
Igrejas (Directivas para a construção das) — Documento — *(Jan.)* 1
Imprensa estrangeira (Pela) — *(Jan. e Abril)* 26, 132
Impressões (Troca de) — *Vieira Marques — (Abril)* 134
Inquéritos — Paróquia dos Olivais — *Miguel Ponces — (Junho)* 194
— Bairro da Encarnação — *José Alcobia* » 197
— Paróquia de Sacavém — *Equipa* » 199
— » » Moscavide — *J. Armando* » 201
Isaías — Mensageiro da Paz — *A. Leitão — (Dez.)* 313
Jesus Cristo nas páginas dos Profetas (Retrato de) — *Dr. Azevedo Pires — (Abril)* 109
Liturgia (Participação viva na) — O Vernáculo — *A. Leitão — (Nov.)* ... 295
Livros Novos 137, 167, 203, 234, 260
Mãe de Deus na Rússia (A devoção à) — *P.e Bliznetzov — (Maio)* 162
Mãe Imaculada (A) — *A. Leitão — (Maio)* 158
Mestre e Guia das Inteligências (O) — *J. C. — (Fev.)* 45
Movimento ecuménico e ecumenismo católico — *J. Poças Ribeiro — (Jan.)* 8
Música de Beethoven (O significado religioso da) — *M. Ponces (Març.)* ... 82
Música Sacra (II Congresso internacional de) — *M. Ponces — (Nov.)* 300
Non in sublimitate sermonis — *Narino e Silva — (Dez.)* 326
Obra Literária (Uma) — *Albino Cleto — (Fev.)* 59
Padre Américo — Recoveiro dos Pobres (O) — *A. Teixeira de Sousa — (Out.)* 252
Panorama — *(Março)* 104
Paróquia e Acção Católica (A volta do Tema) — *P.e Manuel Falcão — (Julho)* 205
Paternidade — *P.e José Ferreira — (Fev.)* 38
Paz ou Guerra? — *Avelino Rodrigues — (Dez.)* 305
Paz do Mundo pela Paz de Cristo (A) — Giorgio La Pira — *(Avelino Manuel — (Dez.)* 318
Platonismo (Aspectos Cristãos do) — *António Carrilho — (Maio, Junho)* 152, 228
Pobres (Os nossos) — *J. Belinquete — (Jan.)* 16
— *A. Guerra — (Maio)* 159
— *J. Afonso — (Out.)* 240
— *A Guerra — (Dez.)* 323
Pobreza (Dimensões da) — *Alberto Neto (Out.)* 248
População (Problemas da) — *Nicolau Baptista — (Jan.)* 18
Príncipe de Santa Maria (O) — *Fernando Micael — (Fev.)* 72
Problema da Catequese — Problema de Mensagem (O) — *Cónego A. Gregório Neves — (Junho)* 173
Problemas cinematográficos na perspectiva católica — *Vieira Marques - (Abr.)* 117
Profeta Jeremias (O) — *G. Marques — (Março)* 97
Pureza (A educação da) — *Alberto Neto — (Junho-Julho)* 182, 215

Sociedade de Tapeçarias, L.da

ESTOFADORES E DECORÀDORES

Rua Augusta, 126 - 130 Tel. 26669

Casa especializada em estofos e decorações, com oficinas próprias e estoques próprios os mais completos e variados e aos melhores preços do mercado.

Sedas, Damascos e Brocados próprios para decorações de Igrejas

As mais modernas criações dos industriais nacionais e estrangeiros

Agradece desde já a Vossa muito estimada visita

Viuva Macieira & Filhos

Fábrica de papel para escrever, impressão e embrulho
Armazém de papéis nacionais e estrangeiros e *papelão*

Trabalhos tipográficos em todos os géneros

Telefones: *Escritório: 31721*
Papelaria: 31722 —— *R. da Madalena, 10 a 22 — LISBOA*

C. SANTOS

LANIFÍCIOS

Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.

Qualidades para todos os preços — Exclusivos — Secção de cachecois e lanifícos de cor

DESCONTOS E PRAZOS

Covilhã

A Coroa de Ouro

CASA DAS FLORES, L.DA

Rua do Crucifixo, 94 - 96 - 98
Esquina da Rua da Vitória, 104-106-108
Telefone 20.100

Santeiro decorador com oficina própria
Restauro em imagens antigas e modernas
As mais perfeitas imagens em talha de madeira, massa e terracota.
Flores artificiais em todas as qualidades e para todos os fins.
Tudo o que pertence a arte sacra.

Grave na sua memória onde gravar os seus trabalhos



Fotogravura
ARMEIS & MORENO, LDA.
T.S. JOÃO DA PRAÇA, 38
TELEF. 28055
LISBOA

Questão Social entre as Confissões Protestantes (A) — *P.e António Jorge* — *(Março)* 77
Roma — Sinal de Esperança — *Fernando Melro* — *(Maio)* 141
Servas de Nossa Senhora de Fátima — *Abílio Tavares* — *(Fev.)* 66
Televisão e a Família (A) — *Fernando Micael* — *(Abril)* 127
Temor filial de Deus nos Salmos (O) — *C. Duarte* — *(Maio)* 149
Virgem Missionária (A) — *Fernando Melro* — *(Fev.)* 49

Américo Martins Paixão

ALFAIATE

Especializado em toda a obra eclesiástica

Rua Ferreira Borges, 37-41 LISBOA

Corrigenda

O n.º de Novembro último saiu com alguns lapsos tipográficos e, por isso, informamos os nossos estimados leitores de que:

a) — na pág. 273, linha 6.ª, onde se lê *precedente* leia-se *procedente*.
b) — na pág. 297, linha 19.ª, onde se lê *Pio XII* leia-se *Pio XI*.
c) — na pág. 303, acrescente-se a nota *g*): «Os termos desta conclusão são claros e imperativos. Com grande pesar se verifica entre nós que nem mesmo em grandes paróquias urbanas se entrou já no hábito da missa cantada dominical, e até da missa cantada em todas as grandes festas litúrgicas».
d) — na pág. 304, sejam trocadas entre si as linhas 11.ª e 12.ª.

Sociedade de Tapeçarias, L.da

ESTOFADORES E DECORADORES

Rua Augusta, 126 - 130 Tel. 26669

Casa especializada em estofos e decorações, com oficinas próprias e estoques próprios os mais completos e variados e aos melhores preços do mercado.

Sedas, Damascos e Brocados próprios para decorações de Igrejas

As mais modernas criações dos industriais nacionais e estrangeiros

Agradece desde já a Vossa muito estimada visita

Viuva Macieira & Filhos

Fábrica de papel para escrever, impressão e embrulho
Armazém de papéis nacionais e estrangeiros e *papelão*

Trabalhos tipográficos em todos os géneros

Telefones: *Escritório: 31721*
Papelaria: 31722 —— *R. da Madalena, 10 a 22 — LISBOA*

C. SANTOS

LANIFÍCIOS

Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.

Qualidades para todos os preços — Exclusivos — Secção de cachecois e lanifícos de cor

DESCONTOS E PRAZOS

Covilhã

A Coroa de Ouro

CASA DAS FLORES, L.DA

Rua do Crucifixo, 94 - 96 - 98
Esquina da Rua da Vitória, 104-106-108
Telefone 20.100

Santeiro decorador com oficina própria
Restauro em imagens antigas e modernas
As mais perfeitas imagens em talha de madeira, massa e terracota.
Flores artificiais em todas as qualidades e para todos os fins.
Tudo o que pertence a arte sacra.

Grave na sua memória onde gravar os seus trabalhos



Novellae Olivarum — Indice de 1955

Advento (alguns esquemas de celebrações a preparar os domingos do) *(Nov.)*. 269
Apresentamos *(Jan.)* 29
Bem haja Sua Eminência — *Cónego Amaro — (Fev.)* 35
Cântico — *Fernando Melro — (Fev.)* 65
Cinema (Pio XII fala do) — *Vieira Marques — (Out.)* 242
Congresso Nacional da JOC-JOCF (I) — *(Março)* 82
Crónica — *Alberto Neto* 31, 76, 138, 171
— *Albino Cleto* 267, 334
Ensino Religioso à Criança (O) — *Nicolau Baptista — (Junho)* *188*
Estudos Sociais (Curso de) — *J. A. S. F. — (Out.)* 263
Iconografia Cristã (Da) — A Pomba — *Miranda Braga — (Julho)* 222
Igreja (Presença da) — *Fernando Melro — (Out.)* 237
Igrejas (Directivas para a construção das) — Documento — *(Jan.)* 1
Imprensa estrangeira (Pela) — *(Jan. e Abril)* 26, 132
Impressões (Troca de) — *Vieira Marques — (Abril)* 134
Inquéritos — Paróquia dos Olivais — *Miguel Ponces — (Junho)* 194
— Bairro da Encarnação — *José Alcobia* » 197
— Paróquia de Sacavém — *Equipa* » 199
— » » Moscavide — *J. Armando* » 201
Isaías — Mensageiro da Paz — *A. Leitão — (Dez.)* 313
Jesus Cristo nas páginas dos Profetas (Retrato de) — *Dr. Azevedo Pires — (Abril)* 109
Liturgia (Participação viva na) — O Vernáculo — *A. Leitão — (Nov.)* ... 295
Livros Novos 137, 167, 203, 234, 260
Mãe de Deus na Rússia (A devoção à) — *P.e Bliznetzov — (Maio)* 162
Mãe Imaculada! (A) — *A. Leitão — (Maio)* 153
Mestre e Guia das Inteligências (O) — *J. C. — (Fev.)* 43
Movimento ecuménico e ecumenismo católico — *J. Poças Ribeiro — (Jan.)* 8
Música de Beethoven (O significado religioso da) — *M. Ponces (Març.)* ... 82
Música Sacra (II Congresso internacional de) — *M. Ponces — (Nov.)* 300
Non in sublimitate sermonis — *Narino e Silva — (Dez.)* 326
Obra Literária (Uma) — *Albino Cleto — (Fev.)* 59
Padre Américo — Recoveiro dos Pobres (O) — *A. Teixeira de Sousa — (Out.)* 252
Panorama — *(Março)* 104
Paróquia e Acção Católica (A volta do Tema) — *P.e Manuel Falcão — (Julho)* 205
Paternidade — *P.e José Ferreira — (Fev.)* 38
Paz ou Guerra? — *Avelino Rodrigues — (Dez.)* 305
Paz do Mundo pela Paz de Cristo (A) — Giorgio La Pira — *(Avelino Manuel — (Dez.)* 318
Platonismo (Aspectos Cristãos do) — *António Carrilho — (Maio, Junho)* 152, 228
Pobres (Os nossos) — *J. Belinquete — (Jan.)* 16
— *A. Guerra — (Maio)* 159
— *J. Afonso — (Out.)* 240
— *A Guerra — (Dez.)* 323
Pobreza (Dimensões da) — *Alberto Neto (Out.)* 248
População (Problemas da) — *Nicolau Baptista — (Jan.)* 18
Príncipe de Santa Maria (O) — *Fernando Micael — (Fev.)* 72
Problema da Catequese — Problema de Mensagem (O) — *Cónego A. Gregório Neves — (Junho)* 173
Problemas cinematográficos na perspectiva católica — *Vieira Marques - (Abr.)* 117
Profeta Jeremias (O) — *G. Marques — (Março)* 97
Pureza (A educação da) — *Alberto Neto — (Junho-Julho)* 182, 215

PAC 45

QUANDO FÔR ACAMPAR PARA AS SUAS PESCARIAS!...



Acautele-se com uma tenda fabricada com as lonas impermeáveis da

COMPANHIA NACIONAL DE FIAÇÃO E TECIDOS DE TORRES NOVAS

Rua Áurea, 191-1.º — Lisboa

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI / OLIVAIS